

**Ir. Basilio Rueda Guzmán  
HOMEM DE DEUS**

**Caderno 4**

**O AMOR, A SABEDORIA**

***IR. GIOVANNI BIGOTTO***



1

## BASÍLIO E O AMOR

A realidade do amor na vida do Irmão Basílio, esse amor que na linguagem cristã se chama de *caridade*, é sem dúvida o domínio mais rico de sua vida, feito de muitos gestos concretos, de atenções para com o próximo e para com Deus, mas também de convicções que impregnam sua inteligência e seu coração.

### 1.1. Um homem que amava

Entre os testemunhos que dizem que Basílio era um homem repleto de amor e da memória do coração, sentimo-nos embaraçados em escolher. O Irmão Seán Sammon, atualmente Superior-Geral, dizia nos funerais do Irmão Basílio: *“Um dos maiores dons que concedeu a cada um de nós e ao Instituto é este: ele era nosso Irmão. Ele amava a todos nós como seus Irmãos e amava a todos aqueles de quem se aproximava como irmãos e irmãs. Seu modo de ser Irmão conosco e para nós foi uma bênção para cada um de nós, para o Instituto e para a Igreja...”*<sup>1</sup> O Irmão Charles Howard, que lhe sucedeu, reserva também as primeiras pinceladas de um rico retrato, ao amor que vivia nele. Eis os golpes de pincel:

- Irmão Basílio, um apóstolo no mundo marista,
- um portador da Boa-Nova.
- Seu cuidado pelos Irmãos, no sentido mais completo da palavra, dedicando uma atenção pessoal especial aos que estavam em grande necessidade.
- Capacidade de atingir os corações, fazendo sempre passar as pessoas antes da instituição.
- Sua presença em nos servir e no trabalho era total.<sup>2</sup>

Encontramos traços semelhantes na ladainha de agradecimentos do Irmão Edouard Blondeel. Extraímos os mais significativos e notamos que numa ladainha de 14 agradecimentos, 7 fazem alusão ao amor:

---

<sup>1</sup> *FMS-Mensagem*, n°19, maio 1996, pp. 13-14.

<sup>2</sup> *Quero despertar a Aurora*, p. 86.

- *Obrigado, Basílio*, por teres sidos, durante 18 anos, um Pai Champagnat para nós: tu nos amavas, tu nos inspiravas, tudo como ele fazia com seus primeiros discípulos e irmãozinhos;
- *Obrigado, Basílio*, pelas tuas grandes e longas viagens, às vezes urgentes, outras perigosas, sempre semelhantes às andanças de amor.
- *Obrigado, Basílio*, pelo tempo consagrado ao menor dentre nós, tanto ao mais jovem como ao mais idoso, por uma carta, por um telefonema, por uma visita, uma mensagem inesperada, por um gesto fraternal inacreditável.
- *Obrigado, Basílio*, por tua alegria tão comunicativa, teu riso jovial, tuas brincadeiras tão finas e benfazejas, teu linguajar substancial.
- *Obrigado, Basílio*, pelo mistério de amor e de unidade de que eras portador, profeta e realizador lá onde estavas de passagem, seja com pressa, seja como hóspede aguardado e retido.
- *Obrigado, Basílio*, por teres sido Irmão universal para todos e para cada um, e por teres lutado para que essa fraternidade universal nos habite; por tua discrição e teu respeito em todo o encontro, em toda a comunicação, intervenção, exigência e em todo o pedido.
- *Obrigado, Irmão Basílio*, por teres sido nosso grande Irmão e aceitar de O SERES AINDA, intercedendo por nós.<sup>3</sup>

Adivinha-se o sorriso malicioso do Irmão Borromée Caron que escreveu do Canadá, no dia 19 de novembro de 2002: “Eu sorrio quando me lembro do dia em que nos ensinavam e nos diziam de compor uma face, uma máscara!... Encontrei essa máscara ou pelo menos essas personalidades, santos religiosos contudo, sem charme, sem calor como o inverno do Canadá. O Irmão Basílio era o verão, a doçura, o amor, a simplicidade. Ele era tudo para todos”.<sup>4</sup> O Irmão Borromée junta ao seu testemunho um pedaço de papel em que o Irmão Basílio, brincando, o chamava: “*Un perro sin dueño*” (Um cão sem dono), e por debaixo colocou sua bela assinatura de Superior-Geral. Na sua amizade o Irmão guardou esse papel, de 1977 até 19 de novembro de 2002, como uma relíquia e anotava sobre um ângulo: “Humor de nosso Superior-Geral ao Borromée”.<sup>5</sup> Nessa mesma data eu recebi uma palavra do Irmão Arthur Dugay. Enviou-me uma carta que Basilio escrevera à sua mãe, a 13 de maio de 1776. Ela acabava de perder uma de suas filhas. Basilio se associa à dor de três maneiras: Escreve uma

<sup>3</sup> Ir. Edouard Blondeel, FMS-Mensagem, nº19, maio 1996, pp. 55-56.

<sup>4</sup> Ver documento completo nos textos propostos.

<sup>5</sup> Ver documento completo nos textos propostos.

carta cheia de afeição, remete-a ao Irmão Arthur Dugay, que então trabalhava em Roma (submestre dos segundos novíços) e envia o Irmão para participar dos funerais e permanecer algum tempo para fazer companhia a sua mãe.

Depois, em 1977, achando-se no Canadá, visitou essa mãe, que sofria então de um câncer. E o Irmão Arthur Dugay confiou-me a foto do Irmão Basílio com sua mãe.

Esses testemunhos são póstumos, mas a leitura das revistas que apresentam o retrato de Basílio quando de sua primeira eleição, de 1967, nos revela abundantemente quanto Basílio era estimado por sua capacidade de amar, de se fazer simples, serviçal, sempre atento. Eis um texto de acolhida, que data de 1972, e que diz muito sobre a maneira como os Irmãos estimavam seu Superior-Geral. É tomado da revista *Bética Marista*, de outubro de 1972, e é motivado pelos recentes retiros que Basílio havia pregado aos Irmãos da Província, em Ávila:

“Ao Irmão Basílio Rueda, Superior-Geral do Instituto, a Província de Bética dedica este primeiro número a suas conferências do retiro de Ávila:

- Por sua acolhida calorosa a todos e desde o primeiro momento.
- Por sua vida que queima minuto após minuto por um Instituto Marista renovado.
- Por sua marca de homem de Deus em suas conferências e nas eucaristias.
- Por “sua visão com os olhos do futuro” sobre o porvir da Congregação.
- Por seu apelo à conversão pessoal e institucional.
- Por suas observações pertinentes na Mensagem.
- Por seu devotamento aos Irmãos.
- Por viver e proclamar a VERDADE.
- Por retirar os pratos da mesa, carregar malas e se portar o chapéu (*sombrero*) mexicano.
- Por seus tapas sobre os ombros e por encontrar muitas “feições de tipos chiques” e outras de “rostos de pequenos marotos”.
- Por “ajudar a aurora a nascer”.
- E... também por prometer vir desfrutar do sol da Andaluzia quando... tiver um minuto livre. DE TODO O CORAÇÃO, OBRIGADO!”.<sup>6</sup>

Esse texto está cheio de afeição e de familiaridade; deixa que se adivinhe como Basílio ganhava os corações, como os Irmãos se sentiam amados, aceitos,

---

<sup>6</sup> *Bética Marista*, p. 1, outubro de 1972.

respeitados: “Ele fazia nascer a simpatia naqueles com quem se relacionava. Quando chegava numa casa, não deixava de saudar o pessoal do serviço, interessando-se por seus familiares, e felicitando-os por certos detalhes que eles lhe contavam”.<sup>7</sup> Basílio está de passagem em Saragoça, visita a Editora Luis Vives, para cada empregado tem uma palavra de atenção e de afeto. Quando, no dia seguinte, eu troco minhas impressões com esses mesmos trabalhadores, eles me fazem este comentário: “Que presente do céu receberam vocês, Irmãos Maristas, que superior tão simples, cordial, afetuoso. Ele nos tratou com tanta afeição como se fôssemos de sua família”.<sup>8</sup> A revista *Madrid-Marista* relata assim as cartas de amizade que Basílio escrevia ao grande círculo de seus amigos íntimos, mais de uma centena: “Nas proximidades de Natal, a carta coletiva jamais faltava, plena de unção e de afeição. Ela transpirava a amizade, a paternidade e tal expansão espiritual que fazia extravasar seu coração em torrentes de amor para com os seus Irmãos e todos aqueles que Deus colocava em seu caminho”.<sup>9</sup> Com efeito, era um amor que tinha sua fonte em Deus e que transbordava do mesmo movimento sobre todos as pessoas.

## 1.2. Seduzido pelo amor de Deus

Em muitos lugares Basílio fala do preço da graça, da disciplina condizente, da necessidade de purificar o natural para se abrir para Deus, mas ele sempre reconhece a primazia da iniciativa do amor de Deus: “Irmãos, o que fundamentalmente faz nossa paz, não é o fato que somos bons, bem mais o fato que Deus é bom. Não é o fato de nós amarmos, mas sim o fato que somos amados por um amor eficaz e infalível... Deus nos ama, não faz outra coisa que nos amar, e Deus não pode não amar...”.<sup>10</sup>

Basílio disse que ele sabe amado, escolhido, posto à parte pelo Espírito, recebeu a graça da revelação do Senhor. É ele mesmo quem diz que não se pode resistir quando o amor de Deus bate com força no coração, nem quando o Espírito agarra um profeta pelos cabelos e o leva às margens do rio de Babilônia ou a Roma.<sup>11</sup> Ele reconhece de boa-vontade que Deus é amor, que não é senão amor

<sup>7</sup> Irmão Conrado Trascasa, testemunho de 24 de novembro de 2002.

<sup>8</sup> *Madrid-Marista*, número especial, dezembro de 1985, p. 11.

<sup>9</sup> *Madrid Marista*, número especial, dezembro de 1973, p. 8.

<sup>10</sup> *Chamamento à renovação, Amor de Paz*, pp. 7-8, dezembro de 1972.

<sup>11</sup> *Circ. A Obediência*, pp. 31-32.

e que Jesus é o beijo de amor do Pai<sup>12</sup> para a salvação de nossa humanidade e que o Espírito é o fogo interior que alimenta o amor. É Deus que muda o coração e lhe imprime o impulso da virada decisiva. Basta reler as páginas do início consagradas à amizade que existiu entre Basílio e Deus ou o Cristo ou o Espírito Santo, como também ir àquelas, um pouco mais longe neste capítulo, em que Basílio descreve o amor. Dois outros textos excepcionais estão também em sua Circular sobre *A Obediência*, em que tudo torna-se amor: pobreza, castidade, prudência, o que ele chama “ler no código do amor;”<sup>13</sup> ... e a última mensagem que enviou a seus amigos mais íntimos, um mês antes de sua morte, em que diz que se colocou nas mãos do Pai, as mais seguras e mais amorosas.<sup>14</sup>

Ser amado comporta o convite para amar, e isso justifica de certa maneira o primeiro mandamento: Deus nos pede para amá-lo porque ele é para nós exclusivamente amor. Basílio sentia em si mesmo essa necessidade de responder ao amor de Deus: “Mas, Irmãos, é da essência do amor, e admitido que a vida cristã é uma vida de amor... que ninguém pode ter a paz no coração, mesmo quando se sabe terna e infalivelmente amado por Deus,... se ele constata que não está procurando responder a esse amor na medida de suas possibilidades”.<sup>15</sup>

### 1.3. Amai como eu vos tenho amado

Basílio comenta aos Irmãos esse mandamento do Senhor, mas primeiramente ele o vive com amor universal que não exclui ninguém, e que se lho reconhece de boa-vontade. Ele tinha uma consciência clara desta dimensão do amor: “Se houver somente uma pessoa que tu excluis do teu coração, o amor em ti está morto. Talvez te restem entendimentos naturais, simpatias humanas, mas não o amor de Jesus Cristo. O amor de Jesus Cristo é o Espírito Santo no trabalho em ti, que te faz amar de todo o teu coração de carne. E como o Espírito de Jesus ama todo o mundo, se esse Espírito opera em ti, não pode excluir ninguém”.<sup>16</sup> Por isso Basílio ficava à espreita para que ninguém ficasse privado de seu amor quando lhe era possível dá-lo. É por isso ele gostava de cuidar dos doentes,

<sup>12</sup> Ver as páginas sobre Jesus, p. 24.

<sup>13</sup> Circ. *A Obediência*, pp. 24-25 e 30.

<sup>14</sup> Citado nas primeiras páginas, p. 13.

<sup>15</sup> *Chamamento à renovação, Amor de Paz*, p. 8, dezembro de 1972.

<sup>16</sup> *Bética Marista*, n.º 52, outubro de 1972, p. 11.

mesmo durante a noite; aceitava longos desvios em suas viagens para encorajar com seu encontro tal ou tal Irmão; espontaneamente se punha a lavar, num aeroporto da Nigéria, o hábito de uma religiosa que acabava de chegar por estradas lamacentas, ou que se fazia passar por garçom ao lavar os pratos. Suas brincadeiras e seus ditos espirituosos nasciam dum coração que amava e queria a alegria. O Irmão Carlos Martínez Lavín, Provincial do México Central, por ocasião do falecimento de Basílio, nos deixou este testemunho: “O Irmão Basílio queimou sua vida por Jesus Cristo. Ele o fez do jeito de Maria, a Virgem fiel. Ele amava a todos nós, profundamente: o engraxate de sapatos da praça, o jovem Irmão, o pai de família, o companheiro de trabalho e, sem limites, sem medida, a Igreja, o mundo, a Congregação e, sobretudo, o que ele chamava a Santa Vontade de Deus”.<sup>17</sup> Ele mesmo nos revela uma parte de seu ideal, quando escreve: “A mola das molas da vida comunitária é o amor verdadeiro e a capacidade de engendrar a amizade, de ir balizando com amigos a estrada da vida”.<sup>18</sup>

Nós sabemos que Basílio realmente balizou de amigos a estrada de sua vida e com uma gama muito variada, desde meninos, pais, motoristas de táxi ou engraxates, núncios, bispos, cardeais, um grande número de religiosos, homens e mulheres e, seguramente, sem limites, seus Irmãos. As inumeráveis cartas que ele escreveu, 50.000, e sua mania de jamais deixar uma carta sem resposta são também frutos de seu amor. Muitas vezes suas cartas mostram ternura e, quando encontra amigos, testemunha-lhes a simpatia pelos abraços calorosos, sobretudo se a pessoa tem necessidade de encorajamento. É ainda ele que solicita aos Irmãos de “deixar que os olhos traduzam a simpatia: “As coisas estão ao uso de todos, e as palavras e as relações humanas estão no estado de troca constante. Mas todos esses bens em comum, é preciso que o sejam na caridade, que o cuidado que cada um tem de seus afazeres seja para o melhor proveito dos outros; que o meu bom-dia seja sincero, e também minhas palavras e meus gestos, isto é, que sejam portadores dum verdadeiro amor para com meu Irmão, dum alegria de viver com ele, dum desejo sóbrio e sério, mas real, de deixar meus olhos traduzirem a simpatia que lhe tenho como a cada membro da comunidade; de manifestar totalmente que esses constituem meu lar e minha família, e que eu quero ser tudo para eles”.<sup>19</sup> Basílio nos deixa um critério para

<sup>17</sup> *México Marista*, n.º 10, p. 14.

<sup>18</sup> *Circ. A Vida Comunitária*.

<sup>19</sup> *Circ. A Vida Comunitária*, pp. 219-221.



saber se nosso amor é autêntico: é quando a pessoa humana é o objetivo, o absoluto. Por isso ele vê tudo como a serviço da pessoa: a comunidade, a oração, o próprio amor, que não é um objetivo em si, mas um meio, permanecendo a pessoa o objetivo: “A comunidade jamais deverá esquecer a soberania de cada um de seus membros. A pessoa humana é um absoluto, e se dela exigimos certas coisas, é somente em função dum absoluto superior, que é Deus, a quem ela mesma se ligou. Pede-se-lhe, pois, não a título duma infração, mas de coerência com a opção que ela mesma fez livremente”.<sup>20</sup> Poderíamos multiplicar os fatos, os testemunhos, os escritos que provam o amor concreto, ativo, inventivo de Basílio e o grande número de pessoas por ele esclarecidas, reconfortadas, reorientadas, acolhidas para serem escutadas todo o tempo que elas desejassem, ou simplesmente ajudadas financeiramente. As páginas sobre a pobreza fazem conhecer muitos casos em que o amor do Irmão Basílio tornava-se ajuda financeira.<sup>21</sup>

#### 1.4. Sem amor, nada de vida religiosa

Basílio é grande, sobretudo por causa de seu amor, mas ele queria que todos os Irmãos partilhassem suas convicções e, sobretudo, que as praticassem. Por isso, nos retiros que ele dá, a partir de 1972, o tema da vida religiosa, como vida de amor, torna-se central. Entremos em sua visão. Aos Irmãos da Espanha diz: “A vida religiosa não é senão a vida cristã levada a sério com amor, densidade e compromisso total e irreversível, até fazer do Evangelho de Jesus Cristo o modelo completo da vida... Todo o mais são minúcias!... A substância da vida religiosa e da vida cristã, sua medula, se encontra no Evangelho”.<sup>22</sup> E aguçadamente ele questiona: “Pois bem, agora, em que consiste a vida cristã? Em amar. Amar de todo o coração, de todas as forças, de toda a alma, Deus acima de todas as coisas, o próximo, o mundo, o mundo inteiro. O amor deve ser cósmico”.<sup>23</sup> Ele toma o caso de um sacerdote e diz que não basta ele se paramentar com todas as vestes litúrgicas, sua verdadeira medida está no amor, senão voltamos aos filactérios. Conclui que “sem vida de amor não há vida

<sup>20</sup> Circ. *A Vida Comunitária*, pp 250-253.

<sup>21</sup> Uma sugestão: reler os livros *BasilioRueda Guzmán, outro Champagnat e Quero despertar a aurora*.

<sup>22</sup> *Bética Marista*, outubro de 1972, p. 7.

<sup>23</sup> *idem.*, p. 7.

cristã, não há vida religiosa e não há verdadeira renovação... Renovar a vida cristã consiste em tornar novo o mandamento do amor, com mais poder, verdade, intensidade, qualidade”.<sup>24</sup> O título da conferência que dá aos Irmãos é *O mandamento novo do amor*.<sup>25</sup> É nessa conferência que ele diz que para a vida religiosa o amor é *a fonte e o fim, a alma e o testemunho*, assim como o *fruto* da vida religiosa, e que a renovação solicitada pelo Concílio só pode ser feita no quadro do amor e da unidade: “Se a vida religiosa é isso, renová-la consiste em se pôr seriamente a trabalhar para viver o amor de maneira nova”.<sup>26</sup> O texto que explicita essa afirmação está relatado no final desta reflexão.<sup>27</sup>

Em todo o caso a mensagem é clara: decidir-se a ser religioso é decidir-se a amar. Mas Basílio vai se tornar ainda mais explícito e dizer aos Irmãos o que é o amor.

## 1.5. De que amor se trata?

### 1.5.1 – Daquele de Deus

Daquele de Deus que é gratuito, eterno, fiel, eficaz, flexível, paciente, concreto, inculturado, histórico.<sup>28</sup> Já apresentamos essa convicção de Basílio quando olhamos sua relação com Deus, e basta se reportar às páginas que aqui lhe foram consagradas.

### 1.5.2 – Daquele voltado para o homem

No retiro já mencionado, Basílio apresenta em três idéias o amor tal como ele o compreende e vive. Isso pode parecer teórico; Basílio fala com a convicção de alguém que vive o que diz; há maneiras de dizer que atraíam uma pessoa; em certos domínios só se pode afirmar o que se vive.

a. O amor é a grande mensagem de Jesus. “Jesus nos ensinou o amor religioso. O cristão é aquele que chegou a dar ao amor a densidade que Jesus pede a esse amor religioso, porque Jesus nos ensinou uma grande novidade: Amar as pessoas é igual a amar a Deus. Subentendido amar as pessoas com amor cristão. E, inversamente, amar a Deus é também igual a amar as pessoas. De tal maneira

<sup>24</sup> *Bética Marista*, outubro de 1972, p. 8.

<sup>25</sup> *Apelo à auto-superação*, retiro de 1970, *O mandamento novo*, n.º 3.

<sup>26</sup> *Bética Marista*, p. 7-8, referido neste capítulo, na página 178.

<sup>27</sup> *Bética Marista*, n.º 52, outubro de 1972, pp. 8-9.

<sup>28</sup> *Chamamento à renovação – Amor de Paz*, n.º 3, pp. 8-10.

que se alguém não ama as pessoas, faltarão um membro da equação, e poderemos afirmar que o outro membro da equação tampouco existe.”<sup>29</sup>

**b.** O amor é, segundo o Evangelho, o *termômetro* infalível da vida cristã. “É com a densidade de amor, concretamente do amor para com o próximo, que se medirá a densidade de vida cristã. Se falta o amor ao próximo, falta o amor de Deus, falta tudo.” E aqui, Basílio comenta longamente a parábola do Bom Samaritano.<sup>30</sup>

### 1.5.3 – O amor é universal

Já citamos o parágrafo de abertura desse aspecto: “Se houver uma pessoa que tu excluis de teu coração, o amor está morto em ti...”. E Basílio gosta de citar Roger Schutz, superior de Taizé, que diz: “Toda relação verdadeira com Cristo conduz necessariamente ao próximo”. Basílio faz em seguida uma observação bem pertinente e que força à reflexão: “Se é verdade, e isso deve ser verdade, que os conselhos evangélicos são a caldeira que põe em ebulição de maneira visível e impressionante o amor, então devemos nos perguntar o que está acontecendo, se nós constatamos que esses conselhos evangélicos produzem um amor tão fraco, com tão pouca criatividade, inteligência, fecundidade em muitos religiosos, tanto em relação aos de dentro como aos de fora”.<sup>31</sup>

Universal para com as pessoas, mas também total no sentido que deve impregnar todos os aspectos da vida. Ele diz: “A alma da vida comunitária é o amor. Se não houver amor, não há comunidade cristã... Se o amor não penetra nosso ser, não poderemos mudar, não poderemos nos renovar”.<sup>32</sup> E olhando pelo lado dos votos: “... a virgindade é uma vida de amor. Se a gente não ama, não se é virgem, pelo menos no sentido cristão; poderá ser uma virgindade de vestais romanas, mas não um virgindade cristã, que é uma vida de amor”.<sup>33</sup> Questiona os Irmãos: “O que implica emitir os votos? Isso implica antes de tudo o amor,... mas isso não basta, porque esse amor deve se manifestar sob a forma de amizade”.<sup>34</sup> Lança um olhar do lado da pobreza? “A pobreza consiste antes de tudo num amor apaixonado por Deus. Não há pobreza cristã, se não se parte duma primeira origem que é a paixão por Deus que se torna tudo para

<sup>29</sup> *Bética Matista*, outubro 1972, pp. 9-10.

<sup>30</sup> *Bética Marista*, outubro de 1972, p. 10.

<sup>31</sup> *Bética Marista*, n.º 52, outubro de 1972, p. 12.

<sup>32</sup> *Bética Marista*, 1972, p. 110.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 110.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 111.

mim, o núcleo de meu coração, meu tudo”.<sup>35</sup> Ele confessa o que experimenta em seu coração a respeito de seus Irmãos: “Verdadeiramente, não sei se tenho feito um pouco de bem aos Irmãos, porque, dia após dia, meço minha pobreza e meus limites; isso sim! com grande paz, sem nenhum sentimento depressivo. A única coisa que vejo claramente é que eu amo de todo o meu coração a Congregação e os Irmãos. Hoje eles são para mim o centro de minha vida, depois de Deus e da Virgem Maria”.<sup>36</sup>

Com Basílio, nesse domínio do amor é-se tentado de ser abundante, de perder a medida, seja quando o olhamos aberto para Deus, seja quando ele vive a fundo sua fraternidade com todas as pessoas. O livro dos testemunhos, *O Estilo de uma Vida*, optou por consagrar as primeiras páginas, 12 a 27, à lembrança do amor que permanece no coração de seus Irmãos e amigos. Encontramos títulos de capítulos eloqüentes: *Um coração magnânimo, um apoio incondicional, uma bondade pródiga, um transbordamento de simpatia*. Um buquê desses testemunhos é oferecido num dos textos anexos, permitindo ver o esplendor do Irmão Basílio na afeição que lhe dedicavam seus amigos que o reconheciam campeão no universo do amor. Essa estima recíproca, a certeza de serem filhos do amor de Deus, produzirá a circular sobre *A Fidelidade*. Isso será seu canto de cisne como Superior-Geral, a nota que ainda vibra na memória dos Irmãos. Essa circular é a confluência de três amores: o amor que vem de Deus, o amor fraternal no emaranhado cotidiano, o amor da Igreja, a família de nossa cristificação.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 151.

<sup>36</sup> *Madrid Marista*, número especial, dezembro 1985, p. 11.

<sup>37</sup> Circ. *A Fidelidade*, p. 9-10, e particularmente p. 15.

## TEXTOS

### 1. Um menino de doze anos

Recordo-me de um menino de doze anos, na Bolívia, de quem me interessei para que recebesse uma boa educação. Um Irmão me acompanhava ao bispado de Cochabamba para falar com o Vigário-Geral da arquidiocese. Esse menino se aproxima de mim e diz:

– Padre, posso engraxar seus sapatos?

– Não, obrigado. Naquele momento, estávamos conversando e precisávamos estar sós...

– Mas saindo do bispado, eu o vejo de novo e lhe pergunto o nome e onde estuda.

– Não vou à escola, eu lustro sapatos!

– Gostarias de estudar?

– Sim, gostaria!

– Por que teus pais não pagam a escola? Onde está teu papai?

– Mataram-no.

– E tua mamãe?

– Morreu.

– Como morreu?

– Estava de cama e faleceu.

– E quem cuida de ti? Tens parentes?

– Sim, dois irmãozinhos.

– Que idade têm eles?

– Um tem seis anos e o outro dois.

Eu me esforçava para não demonstrar nenhuma emoção, porque não se deve traumatizar essas pessoas, elas sofrem bastante e a vida os põe à prova.

– Mas, haverá um parente que cuide de ti, uma tia, um tio.

– Não, não temos ninguém.

– Então, quem te dá de comer?

– Uma senhora. Eu trabalho, lhe dou o que ganho, e ela dá de comer a meus dois irmãozinhos, e é por isso que eu devo lustrar sapatos...

Então eu disse ao Irmão: Olha, este menino deve ser levado ao colégio, e eu me encarregarei de lhe encontrar um pai que o adote e que cuide de seus dois

irmãozinhos. Onde? Não importa em que parte do mundo, mas tu, faz-me isto. São homens como este que salvam uma nação. São homens como este que é preciso educar. Quando se encontra um menino de doze anos capaz de deixar os jogos, os estudos, tudo o que na vida o interessa, para se ocupar de seus irmãozinhos, é um homem capaz de fazer na vida mais do que nós julgamos. *(Exemplo inserido na conferência sobre a pobreza. Cf. Bética Marista, pp. 147-148, abril de 1973).*

## 2. Na universidade dum motorista de táxi

(Basílio, por ocasião de sua primeira viagem à Venezuela, chega ao aeroporto às 3 horas da madrugada. Ninguém o esperava. Toma um táxi e se dirige a Los Teques, a 30km de Caracas, lugar dos exercícios espirituais, mas que tinha sido trocado sem que Basílio fosse avisado. Ele chega na alta madrugada em Los Teques, e ninguém lhe vem abrir a porta, apesar de vários toques da sineta. Então, esperando que lhe venham abrir a porta, instala-se no táxi, boa ocasião para conversar com o motorista).

– Penso que teremos tempo para conversar, a menos que tu não gostes de falar com os viajantes. Teria gostado de encontrar no aeroporto um rosto conhecido – digo-lhe – mas estou contente de te fazer ganhar o dia. Como te chamas?

– Ramón Sánchez, para vos servir. Salta à vista que sois uma pessoa distinta e de bons sentimentos. Acontece que, nesta viatura, tenho de ouvir toda a espécie de coisas... E vós, como vos chamais?

– Basilio Rueda, Irmão Basilio Rueda. Sou um religioso marista. Tenho minha batina na mala; as leis do México não nos permitem andar em público vestindo batina. Tens uma família?

– Sim; uma esposa maravilhosa e cinco filhos que, felizmente, crescem bem. Mas eles devoram como se fossem limas. O volante rende bem, não posso me queixar, mas me vejo sempre pobre.

E conversamos. Ele me respondeu a tudo o que eu queria saber a Venezuela: política, sociedade, a educação das crianças, sobre as pessoas das vilas e as das grandes zonas urbanas residenciais de luxo; sobre a Igreja, os padres, sobre a fé das pessoas e a moral cristã... Era um homem honesto, de inteligência notável, que não tinha estudado nos livros, contudo seu táxi valia uma universidade.

Na hora fixada pelo regulamento, um religiosa nos abriu a porta. Fiz minha apresentação e lhe disse que estava preocupado, teria apenas tempo para tomar banho antes de começar os Exercícios.

– Mas não é aqui; é no Seminário Interdiocesano.

Felizmente ela nos ofereceu um café quente que nos revigorou naquela manhã de setembro de Los Toques, em Caracas!

Um outro momento de conversação amigável e rica com Ramón Sánchez. Chegamos no Seminário quando a primeira conferência-meditação chegava ao fim. (A que Basilio deveria ter dado).

– Senhor Ramón, quanto te devo? Pensa em tua esposa, nos teus filhos, nas horas que tu tiveste a bondade de me dedicar.

– Sim, penso em tudo isso, porém também eu penso que sois um homem valente e não mereceis o mau acolhimento que a Venezuela vos reservou. Dai-me o que o marcador indica e um pouco pela gasolina que na Venezuela é bem barata.

– Pois bem, isto e mais o custo da lição de sociologia venezuelana que me deste durante tantas horas.

Prometi visitá-lo em seu domicílio, na primeira ocasião que aparecesse.

(Coisa que ele fez. Quando teve que partir para o México, saímos de casa um pouco antes para ir um pouco na casa do motorista. A alegria daquela família humilde poderia se comparar àquela de Zaqueu que recebeu o Divino Mestre em sua residência. Quanto essa história simples do motorista de táxi nos fala da personalidade de Basilio). (Ir. *Jesús María Martínez Gómez*, Caracas, Venezuela).

### **3. No coração de seus amigos**

*(Buquê de testemunhos tomados em O Estilo de uma vida.)*

“Após períodos de trabalho intenso, sabia oferecer aos membros de seu Conselho um tempo de repouso. Iam juntos a um lugar tranquilo e solitário, adequado à oração e ao repouso. Lá ele era a alegria de todos por suas histórias e brincadeiras...”. (Ir. *Gildo Cotta*, p. 12).

“O Irmão Basílio conhecia o homem até em suas maiores misérias e ele se fazia tudo para todos. Possuía num grau que raramente se acha, o amor para o Irmão,

a capacidade de morrer para salvá-lo, doando-se ele mesmo, testemunhando ao mesmo tempo o amor de Deus, como o fez Jesus.” (Ir. *Camille Gros*, p. 14).

“A atenção que ele tinha para com seus Irmãos era notável e seu comportamento era agradável. Acho que se lhe possa aplicar as palavras do profeta Isaías: “Não quebrará o caniço rachado e não apagará a chama tremeluzente...”. (Ir. *Elias Peña*, p. 15).

“Seu amor para com os Irmãos se traduzia numa grande delicadeza que o tornava próximo de todos. Seu amor e sua atenção tornavam-se compreensão do outro. Não esperava que se lhe fizesse sinal, estava atento para prestar sua ajuda, para dizer uma palavra de conforto. Ele se fazia tudo para todos”. (Ir. *Roland Bourassa*, p. 16).

“Os Irmãos mais idosos recordar-se-ão da simpatia e do amor que ele tinha para com todos sem distinção; os jovens, sua compreensão, mesmo quando não concordava. Todos nós apreciamos sua sabedoria e sua franqueza. Quando se tratava de ajudar a alguém, ele tomava todos os meios”. (Ir. *Quentin Duffy*, seu *Vigário-Geral por 18 anos*, p. 17).

“Eu qualificaria de maternal a atenção do Irmão Basílio para com a saúde de seus Irmãos. Era atento para com todos: ‘Tome um comprimido – disse-me uma vez, quando eu tinha dor de cabeça – e, se durante a noite, a dor não passar, chame-me, eu lhe darei um outro medicamento’. Eu soube mais tarde que ele sofria de dores de cabeça bem mais grave”. (Ir. *Victorino de Arce*, pp. 17-18).

“Nós, os Irmãos australianos, gostávamos dele por causa de sua sinceridade, de seu valor e de seu amor pelo Instituto. Para nós ele era o *Supermex* (O *Mexicano extra!*)”. (Ir. *Frederick*, p. 22).

“Um grupo de onze religiosos de diferentes congregações visitam a Casa Generalícia. Ele mesmo nos acompanha na visita e nos oferece algo a beber. Notando que eu estava vestido com roupa leve em pleno inverno, ele se retirou por um momento e voltou com um casaco de couro que me entregou dizendo: “Use-o enquanto estiver no curso e devolva-o antes de retornar para a Bolívia.”



(Ir. Florencio Puente, pp. 14-15).

“Tínhamo-nos tornado grandes amigos. Ele quis conhecer minha família e foi visitá-la antes de deixar o Russey. Minha mãe sofria de câncer. De volta para Roma, enviou-lhe uma bênção papal e escreveu-lhe pelo final do ano.”

(Ir. Daniel Roy, p. 15)

“Nossos Irmãos conservam uma lembrança muito viva das visitas e dos retiros nos anos de 1973 e 1974. Além de sua energia infatigável, o Irmão Basílio mostrava grande simpatia humana e grande senso de humor, que lhe conquistavam todos os corações”. (Ir. James Jolley, p. 23).

“Era disponível para com todos e amigo das brincadeiras que gostava de fazer e de receber. Por causa de minha formação, era-me difícil compreender suas brincadeiras, suas piadas, seus trocadilhos, as cenas que todos os dias seus noviços lhe faziam, não somente em palavras, mas também em rascunhos e desenhos animados que eles afixavam no quadro de avisos do noviciado... Seus noviços o adoravam e por isso tudo se permitiam com franqueza e espontaneidade”. (Ir. Victorino de Arce, p. 22).

#### 4. O amor é...

O amor é a *fonte* da vida religiosa. Se nos encontramos na vida religiosa é porque a água que brota em vida eterna, e que se chama Amor a Deus e Amor aos homens, nos conduziu a abraçar esse gênero de vida, de tal modo raro, que é a vida religiosa; eu digo ‘de tal modo raro’, pois que em muitos lugares ela nos faz parecer como “animais raros”. E não estamos aqui para representar uma farsa. Mas ela não é somente a fonte, é também *o objetivo*: nós nos fizemos religiosos para amar, para amar mais e melhor, para amar com coração grande, para amar com um coração caloroso. Se, após anos de vida religiosa, nosso coração não nos aquece é que falta alguma coisa.

O amor é a *alma* da vida religiosa. Tudo o mais são estruturas, mas não algo de essencial... e se falta o amor, todas essas estruturas nada valem.

E esse amor se manifesta como *testemunho*. A vida religiosa é dar a conhecer ao mundo por todos os sentidos, pelos olhos, pelos ouvidos, pelo olfato... que há

homens que continuam a crer em Jesus Cristo e de tal modo levam a sério o Evangelho que fizeram dele o tudo de sua vida, a única razão de sua existência. E finalmente o amor é também o *fruto*. Porque à medida que se avança, à medida que essa árvore cresce e se desenvolve, produz o amor, produz frutos de amor e convida aqueles que querem provar desse alimento a se aproximarem da árvore, que comam de seus frutos e se alegrem de sua doçura, isto é, que através dessa árvore, provem do amor de Jesus Cristo...

Se a vida religiosa é isso, renová-la é pôr-se seriamente a viver o amor.

*(Bética Marista, n.º 52, pp. 8-9, outubro de 1972)*

## **5. Tudo pode faltar, exceto o amor.**

Uma coisa é indiscutível na vida comunitária: tudo pode faltar, exceto as ocasiões de praticar o amor. Essa afirmação é cheia de sentido; ela é mesmo duma plenitude capaz de julgar um bom número de artigos que se escrevem sobre a vida comunitária, e de fazer transparecer as razões últimas que os inspiram... Não poucos desses artigos encerram, efetivamente, uma visão profundamente narcisista da vida comunitária: há quem viria a ela para a ser amado, para se realizar, para desabrochar seu eu, etc. Isso não quer dizer que a comunidade não deva cumprir tais finalidades para com seus membros. Não, mas é preciso dizer claramente que o quadro que o Novo Testamento nos traça da vida comum praticamente não permite deduzir um ideal de comunidade cujos membros viveriam “para serem amados”. O amor não monopoliza, ele se doa e acha sua razão de ser em nossa participação na vida trinitária...

A vida comum está pois em relação direta com o amor, o que não significa apego excessivo a horário ou regulamentos. Seguramente não se trata de cair no caos ou no individualismo, mas nossa vida comunitária tem necessidade de ser “redimensionada” e “revalorizada” à luz da descoberta e do contato das pessoas, à luz também da criatividade e até de uma novidade de expressão e de eficácia tal que o amor mútuo poderá criar.

Com efeito, se a vida comunitária fosse à base de sincronismo e uniformidade, não haveria melhor vida religiosa que a vida de uma prisão bem governada. Não, não é nisso que reside o amor cristão, mas no fato de que os membros de uma comunidade se amem, que tenham a ocasião e a facilidade de se encontrar em profundidade, que se tenha estima pelas pessoas e devotamento mútuo sem reserva e que cada qual se esforce de pôr em circulação comunitária o melhor de

si, o melhor do que se é e do que se tem, e que se aceite com afeição e alegria todo o bem oferecido pelos outros. (*A Vida Comunitária*, pp. 135 e 137)

## **6. Ir balizando de amigos a estrada da vida**

A mola das molas da vida comunitária é o amor verdadeiro e a capacidade de gerar a amizade, de ir balizando de amigos o caminho da vida. Isso supõe que se seja capaz e que se experimente estabelecer um contato profundo e espiritual com as pessoas que o Senhor põe em nosso caminho. Há pessoas que têm esse carisma particular em um alto grau. Para outras o grau é menor, e isso por mil razões diferentes, mas o essencial é que haja contato...

Pode-se falar de espírito de objetividade quando um grupo de homens é unificado e vivificado por uma mentalidade, por uma afetividade, por um senso de valores, uma maneira de reagir, uma vontade e objetivos comuns de verdade e de bem. (“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma.” *Atos 4,32*)

Não se trata somente de idéias, de valores, de objetivos. Na verdade essas seriam coisas que ligariam esses homens a partir do exterior, enxertando-se sobre eles, porque eles têm afinidades com elas. Tratar-se-ia de uma união extrínseca, não pessoal. Entretanto trata-se efetivamente de outra coisa. Os membros de uma comunidade devem amar-se pessoalmente, sem exceção, ter entre si um feixe de relações enraizado na natureza e na graça e, sobretudo, no poder unificador do Cristo dado pelo seu Espírito e que faz deles um cacho único, expandindo-os, dilatando-os e lançando-os para o amor de uns pelos outros. (*Circular A Vida Comunitária*, pp. 176-177).

## **7. Uma carta que expressa ternura**

Meu caro e inesquecível Irmão Ermezindo:

Sua carta de 24 do passado me causou grande alegria, tanto mais viva não somente porque eu a esperava desde algum tempo, mas também porque estava muito surpreso de não receber notícias de um amigo que amo de todo o coração, e de um religioso que admiro pelo grande número de serviços prestados à comunidade. Estou muito edificado pela humildade e contrição que o fazem constantemente retornar sobre o seu erro administrativo passado. Fique em paz, você já sabe o que nós sentimos e pensamos sobre isso na Província e no Conselho Geral.

As boas notícias que me dá acerca do espírito da comunidade, o acolhimento dos juvenistas e como trabalham para o bem deles, me causam também grande alegria. Minhas felicitações. Alegria também por me informar que estão preparando o seu testemunho vocacional. Eu estava para lhe escrever, por causa da afeição que lhe tenho, e também interessado para que não se esqueça de sua promessa...

Meu caro Irmão, você já tocou não somente o amor de um amigo íntimo, mas a ternura com que o tratei, sobretudo no momento do sofrimento e da provação. Creio que o que já sentiu e o que lhe exprimi estão longe de corresponder à intensidade da afeição que eu lhe tenho, que é bem maior, e que só pôde aumentar à medida que o conheci dia após dia.

Com um abraço extremamente afetuosos, em que quero concretizar minhas orações, votos, felicitações de Natal, etc., continuo seu grandíssimo amigo no Senhor. Ir. Basílio Rueda, f.m.s., Superior-Geral. (*Roma, 10 de dezembro de 1977.*)

## **8. Numa partilha dos sentimentos mais íntimos**

A nova comunidade vai apelar mais para a maturidade e a afeição... Antes não se transpunham as fronteiras da intimidade. A palavra de Cristo: “Eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer” (Jo 15,15) bem que deveria nos abrir outros horizontes, mas não se fazia a ligação. Havia o mundo místico da afeição entre Cristo e os cristãos, que era regido pelo Evangelho, e depois um mundo da afeição entre cristãos e cristãos, e até religiosos e religiosos, que descansava naturalmente sobre o Evangelho, mas também sobre princípios duma prudência secular... Podia-se viver anos em comunidade, e bem conhecer por experiência a maneira de ser e de agir de um coirmão, mas nada saber de sua família, de sua infância, de sua história, de seus ideais, de seus projetos, de suas dificuldades, de seus gostos. Não sei se ainda me desculpei bastante de falar como se a comunidade antiga ignorasse o sentimento e a afeição; tenham a certeza, em todo o caso, que eu sei muito bem que eles eram tão reais outrora como hoje. Estou preparando para outro ano uma Circular sobre a Fidelidade e já recolhi testemunhos maravilhosos. Entretanto, se eu não tivesse feito o pedido, quem haveria de saber que tal Irmão, que aceitava todas as transferências sem a menor acrimônia, jamais deixou uma comunidade sem chorar? Ele não achava que essa informação seria comunicável... A partilha comunitária de sentimentos muito íntimos é, pois,

normal e nada tem a ver com um sistema de compensações afetivas mais ou menos confusas. É alguma coisa que pode ser muito viril. Por que querer que virilidade seja o contrário de emotividade? (*Circular Projeto de Vida Comunitária, pp. 103-104*).

## **9. Fascinado pela fidelidade dos Irmãos**

Há uns sete anos que, pela primeira vez, me veio – como raio de luz – a intuição deste livro. Ao redor dessa intuição aglutinou-se uma montanha de confidências comoventes que eu tinha recebido e recebia. E meu coração se maravilhava diante de todas essas formas de fidelidade e de perseverança em nossa Congregação.

Uma germinação havia precedido, quase sem me aperceber, a partir desses inesquecíveis colóquios em que os Irmãos extravasavam lembranças, alegrias, dificuldades, crises, quedas, soerguimentos, mil detalhes de sua vida vivida para Deus. E insensivelmente se me impunha a decisão de escrever...

Posso nomear desaparecidos que morreram antes de pudessem escrever seu depoimento: Irmãos Michel-Antoine, Jesús Rodríguez, Miguel Dario, Estanislau José, e outros... porque vidas tão repletas como as suas constituíam para mim uma força de persuasão que terminaria um dia numa decisão amadurecida no decorrer de todos estes anos. O Espírito Santo, tenho certeza, nisso não estava ausente.

Diria até que aqui se evidencia uma intervenção sobrenatural. Quando constato a duração que se estende sobre esse trabalho de amadurecimento, a intensidade de esforço que nisso tive de empregar em todos os momentos livres, o volume de correspondência que foi preciso entrecruzar, classificar, ler nos momentos oportunos, etc., eu me pergunto como pude perseverar nessa decisão tomada... Não tive um momento de dúvida, mesmo nos períodos mais febris e extenuantes. É por isso que acredito ter sido sustentado por um amor apaixonado de minha congregação e também pelo Espírito Santo que queria esta obra. (*Circular A Fidelidade, pp. 11-12*).

## 10. A carta de um amigo

Beauceville, 19 de novembro de 2002.

Irmão Giovanni Maria Bigotto. Roma.

*“Un perro sin dueño.”* (Um cachorro sem dono.)

É o nome que me deu o Irmão Basílio Rueda, ao me saudar quando eu estava no Pavilhão Champagnat. Minha lembrança ainda está viva. Hoje sou feliz em lhe participar esse pequeno incidente na seqüência de numerosos testemunhos que recebo pelo mundo a fora desse valoroso coirmão Basílio. Naquele dia encontrei em sua pessoa um homem: simpático, feliz, risonho, comunicativo, fraternal.

Eu era diretor desta casa que contava sete coirmãos e 114 moças de 17 a 20 anos. Para ele, nenhuma surpresa, eu cumpria uma função normal na comunidade dos Irmãos Maristas. Era tudo natural para mim. Sentia-me seguro, aceito, valorizado, compreendido. Tinha um amigo com quem podia confraternizar, me tranqüilizar.

Mais tarde, quando ele havia partido, ao reler esta saudação que u lhe pedira, assinada pela sua mais bela mão sobre um pedaço de papel, na sua língua materna, que eu lhe pedira e que fez sem hesitar e com um sorriso brincalhão, um calor de amizade me invadia. Eu tinha encontrado um homem que levava Deus consigo.

Era típico do homem rir de seu semelhante, mas fazê-lo sem magoar, com humor, é preciso caminhar com aquele que anda sobre as águas e as muda em vinho. Eu tenho que sorrir quando me lembro do dia em que nos ensinava e nos dizia para compor um rosto, uma tal de máscara!...Eu encontrei essa mascarada ou pelo menos essas personalidades de santos religiosos, mas sem encanto, sem calor, como o inverno do Canadá. O Irmão Basílio era o verão, a doçura, o amor, a simplicidade. Ele se fazia tudo para todos.

Terminando, quando eu soube que o processo de canonização estava inscrito em Roma, eu me alegrei e com sinceridade invoquei esse campeão da fé. Com este testemunho eu lhe passo esta relíquia que me é muito querida, é um testemunho.

Subcrevo-me bem humildemente entre seus amigos: espero que ele ainda me acompanhe pelo resto de meus dias.

Sinceramente em Jesus, Maria, Champagnat.

*Borromée Caron, fms.*

## 11. Atenção e delicadeza do coração

Caro Irmão:

Para responder ao seu convite, envio-lhe uma carta que o Irmão Basílio escreveu a minha mãe por ocasião da morte de minha irmã Gabriela, quando então eu estava em Roma como subdiretor do segundo noviciado, em maio de 1976. Ao mesmo tempo ele me autorizara a ir aos funerais de minha irmã.

Envio também uma foto que tiramos em 1977, quando ele visitava o Canadá. Ele quis visitar minha mãe, já com câncer que lhe causaria a morte um ano mais tarde. Basílio aparece pois fotografado com minha mãe, em sua casa de Rougemont.

Rezo pelo sucesso de suas diligências para a canonização desse santo homem que era o Irmão Basílio Rueda.

*Ir. Arthur Dugay, Iberville (novembro 2002).*

Roma, 13 de maio de 1976.

Boníssima e bravíssima Mamã ANNA:

É com as mesmas palavras utilizadas muitas vezes pelo seu filho muito-amado, Irmão Arthur, que desejo iniciar estas linhas. Elas querem dizer-lhe o pesar profundo sentido por cada um de nós, em união ao que foi sentido pelo seu coração dolorido, particularmente nesta circunstância da vida em que uma dentre suas filhas preferidas, Gabrielle, foi chamada para a casa do Pai.

A comunicação telefônica que nos transmitiu a notícia veio unir mais estreitamente ainda a família marista à sua bela e muito digna descendência.

A notícia foi imediatamente comunicada aos membros das diferentes comunidades da Casa Generalícia. Orações já foram dirigidas ao Senhor e continuarão a serem feitas em favor do repouso eterno da Querida DEFUNTA, nas intenções da boa Mamã ANNA e nas de cada um dos membros dessa bela coroa de filhos constituída pela família de Irénée DUGAY.

Este último precedeu no céu a sua cara esposa. Pode estar certa que com GABRIELLE se constituirá uma proteção familiar toda especial em favor da boa Mamã ANNA e de seus onze filhos da linhagem DUGAY-DALLAIRE.

Arthur, mesmo estando longe de sua pátria, tem seu coração no CANADÁ, perto dos seus e particularmente perto de sua boa e muito querida Mamã ANNA! Ele realiza um excelente trabalho em nossa Congregação, especialmente em Roma. Estou contente da enorme tarefa que ele executa pelo nosso querido

Instituto e pela Santa Igreja. Quero aproveitar a circunstância oportuna que me é dada aqui, de lhe agradecer por tê-lo dado ao Senhor e por tudo quanto fez para encorajá-lo a perseverar.

Fiz questão, boníssima e bravíssima Mamãe ANNA, que ele estivesse perto da senhora e de cada um dos seus nesta circunstância que entristeceu seu coração maternal, afligiu o coração dos seus dez outros filhos e também o dos seus.

O Irmão ARTHUR vai lhe exprimir de viva voz nosso pesar, lhe assegurará nossa profunda simpatia pela senhora e sua família abençoada pelo bom DEUS. Será também nosso melhor mensageiro para lhe levar nossa plena consolação. “A vida é bem curta, mas a eternidade jamais acabará” (Marcelino CHAMPAGNAT).

Que a VIRGEM MARIA que é tão amada por sua família, essa boa Mamãe, nossa Mamãe do céu de cada um, essa que também conheceu a dor da separação, mas também a grande alegria do reencontro, ponha o bálsamo necessário sobre o seu sofrimento e a ajude plenamente a passar este dia dolorido e faça brilhar para a senhora e para cada um dos seus, esse amanhã de calma e de paz, de alegria serena que o SENHOR concede sempre a cada um dos que o amam profundamente, como é o seu caso.

Fico muito religiosamente a seu dispor, boa e bravíssima Mamãe ANNA. Coragem! Em união de orações com a Virgem Maria.

Ir. Basílio Rueda G. fms S-G.

*(As maiúsculas estão no original e revelam o coração de quem escreveu.)*



2

## A SABEDORIA DE BASÍLIO

Viver com o Irmão Basílio ou ler seus escritos dá a impressão de estar em companhia de um sábio, cuja sabedoria vem de Deus, de um homem que inspira confiança, de um mestre que sabe guiar. Após uma série de testemunhos e de sinais, poderemos nos interessar com as fontes, com os critérios e com a realidade dessa sabedoria.

### 2.1. Testemunhos

Estes testemunhos vão da impressão geral, à surpresa duma observação cheia de bom-senso e até ao caso muito pessoal. Victorino Erloz, da Colômbia, afirma que Basílio “nos contatos pessoais, prolongados e sempre amáveis, irradiava luz, reconforto e ideais entre o grande número de pessoas que dirigia”.<sup>38</sup> O Irmão Charles Howard, seu sucessor, reconhece nele “um superior dinâmico, um sábio conselheiro, um discípulo intrépido de Jesus e um verdadeiro filho de Maria e de Marcelino”.<sup>39</sup> O Irmão Camille Gros nos confessa ter descoberto “um homem em quem podia-se confiar plenamente, sem ficar decepcionado. Com ele nenhuma fraqueza, nenhum problema eram insuperáveis”.<sup>40</sup> O Irmão Victorino de Arce tinha o Irmão Basílio como diretor espiritual: “Para mim ele foi o homem sábio, respeitoso da liberdade dos outros, atento até ao detalhe”.<sup>41</sup> Por ocasião da morte do Irmão Basílio e recordando-se de tudo o que tinha vivido com ele, que tinha sido seu diretor espiritual, o Ir. Victorino escreve: “Pessoalmente nos conhecemos em 1966, no Segundo Noviciado. Tu eras jovem e dinâmico, porém já notava-se tua maturidade, teu equilíbrio, teu espírito religioso e uma certa intuição dos problemas do homem. Tua palavra era simples, calorosa, teu diagnóstico realista, unido a uma exigência prudente.

---

<sup>38</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 12.

<sup>39</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 13-14.

<sup>40</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 14.

<sup>41</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 22.

Jamais exigias além do que alguém pudesse fazer”.<sup>42</sup> Um de seus últimos noviços, Oscar Zuñiga, aquele que fazia as vinhetas humorísticas sobre Basílio, nos oferece este belo testemunho: “Ele me iniciou na vida de oração... Graças a ele pude compreender e desejar o mundo da oração. Para mim não foi somente meu mestre de noviço, porém meu mestre de vida, meu mestre de oração..., meu mestre na alegria! Sempre admirei sua alegria presente em seu sorriso e no seu comportamento”.<sup>43</sup> Um outro de seus noviços compôs uma poesia que celebra o que Basílio sabia pôr nos corações: <sup>44</sup>

*Cada uma de tuas palavras nos impelia à ultrapassagem,  
e cada dia de tua vida era um modelo de virtude.*

*Para nós, teus discípulos, transmitiste  
a torrente inesgotável de teu saber.*

*Em teus nobres ensinamentos nos mostraste  
o caminho da verdade e da vida...*

*A luz que te envolvia  
brilha agora em nossa inteligência.*

*Nada do que foi verdadeiramente teu  
está morto...*

A Província de Madri o recebe em 1973. Na revista que relata essa visita, acompanhando a foto de Basílio, lemos: “O Irmão Basílio Rueda ou o Equilíbrio. Ele sorri sempre, ele escuta, eis por que em toda a parte em que ele vai faz nascer a confiança. Neste momento deve estar verificando a lista daqueles que querem vê-lo: os 2/3? os 3/4? Não se desencorajem, haverá tempo para todos, seja na sala de espera do aeroporto, mesmo se for preciso vigiar e ali passar toda a noite: Obrigado, Basílio de tanto pensares nos outros e tão pouco em ti mesmo”.<sup>45</sup>

Quantas vezes, lendo seus escritos, dizemos a nós mesmos: “Que é verdade, que é certo, que é dito com finura, que é sábio... e muitas vezes desinteressado, a serviço da verdade e da pessoa!”. Ele fala aos Irmãos sobre a confissão e distingue as confissões garagem, a confissão clássica, a confissão aspirina... Aos Irmãos que caem lhes diz que é preciso saber ricochetear: “Um espírito filial

---

<sup>42</sup> Testemunho do Ir. Victorino de Arce, recebido no dia 17-2-2003, com dez cartas de Basílio.

<sup>43</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 76.

<sup>44</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 75.

<sup>45</sup> *Madrid-Marista*, dezembro 1973, p. 3.

acrescentaria uma coisa importante: a arte de saber ressaltar. Uma bala que tem um pouco de força jamais fica no chão; ela cai e imediatamente ressaltita. Isso é importante na vida espiritual, porque nossa vida espiritual dificilmente será igual, uma vida que rola sobre dois trilhos bem lubrificados... É preciso guardar o ar consigo para poder saltar de novo...”.<sup>46</sup> À margem dessa passagem eu anotava: Sabedoria de um homem de Deus. E quantas vezes se tem vontade de escrever semelhante observação, por exemplo, quando ele nos diz:

“Se seu coração não se converter, o problema é seu!”.

“O homem tem um poder enorme de raciocinar e de justificar o que ele faz.”

“O superior não é comprimido de aspirina para adormecer a consciência!”.<sup>47</sup>

“O diálogo é o vestibulo da participação e da colaboração!”.

“É preciso fugir dessas formas de caridade que, para serem divinas, devem cessar de ser humanas!”.

“Os bens materiais é mais fácil recebê-los que doá-los, a verdade é mais fácil doá-la que recebê-la!”

“Muitas vezes só se é fiel à tradição mudando.”<sup>48</sup>

Muitas vezes é apenas o bom-senso. Mas a sabedoria começa com o bom-senso. Eis ainda um caso em que o bom-senso se junta à experiência e à audácia espiritual: “Na entrevista que tive com o Irmão Basílio, em Quimper (França) em agosto de 1974, eu lhe comuniquei minhas hesitações em continuar na vocação e que havia uma mulher pronta a se doar. Quando eu lhe disse que se tratava de uma divorciada, ele me disse muito francamente: “Se você sai, procure uma mulher que ainda não se casou. Uma mulher casada já tem seus hábitos sexuais e você se arrisca fortemente de não ser livre, de ser o escravo dela, terá muita dificuldade para formar a sua própria família! Se quiser ter sua família, construa sobre algo novo!”. Eu achei aquilo verossímil e sábio. Em seqüência à conversa ele me prescreveu uma tríplice dose de retiros: em Spello com Carlo Carreto; em Loppiano, na casa dos Focolares; e em Troussures, na escola de oração de Caffarrel”.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> *Bética Marista*, n.º 57, março de 1973, p. 105.

<sup>47</sup> As três citações são provenientes da Circular *A Obediência*.

<sup>48</sup> Essas quatro citações constam na Circular *A Vida Comunitária*.

<sup>49</sup> *Basílio, um outro Champagnat*, pág. 92.

## 2.2. E sinais

Não há apenas testemunhos em favor da sabedoria de Basílio, é preciso estar atento também a muitos sinais. O fato, por exemplo, de que tantas pessoas queiram encontrar-se com ele e lhe confidenciar suas misérias; o grande número daqueles que aguardam com impaciência uma de suas cartas; todos quantos almejam tê-lo como diretor espiritual, e formam um número considerável, mesmo quando era Superior-Geral. A lista de seus amigos íntimos ultrapassava a centena; esses amigos se tinham comunicado em profundidade com ele. O caso mais típico é aquele do Irmão Henri Vergès, morto em Argel, a 8 de maio de 1994. O assassinato-martírio nos possibilitou mergulhar em suas anotações e em suas cartas. Sua espiritualidade límpida estava sob o olhar maravilhado do Irmão Basílio com quem se carteava constantemente.<sup>50</sup>

Notória foi igualmente a estima que desfrutava no seio da União dos Superiores Maiores. Escutavam-no de boa-vontade e muitas vezes seu parecer tornava-se o relatório final da reunião. Um bom número dentre eles reconheciam-no como um mestre espiritual de valor garantido. Foi amigo pessoal dos Padres Arrupe, Lombárdi, Rotôndi e do Cardeal Pirônio; todos homens notáveis, e ele mesmo gostava de ter o parecer dos padres Urs von Balthassar ou do Pe. Lyonnet, do Pe. Alcalá, S.J., do Pe. Ruiz Mateos, redentorista, médico-psicólogo da CONFER, e do Pe. Andrés Avelino, que parecia ser seu diretor espiritual.<sup>51</sup>

Basílio era também constantemente solicitado para conferências, retiros, entrevistas, artigos. Muitas congregações de Irmãs lhe pediam para coordenar suas jornadas de oração e reflexão...

Seus escritos eram solicitados por editoras para uma grande difusão. Tornavam-se objeto de estudo em muitas congregações como, por exemplo, a circular sobre *A Vida Comunitária*.<sup>52</sup>

A vida religiosa passava por turbulências que se sucederam ao Concílio, e todo o mundo se ressentia da necessidade de um profeta de Deus. Do profetismo, dos falsos e dos verdadeiros profetas, Basílio fizera um de seus temas freqüentes de

<sup>50</sup> Essa correspondência motivou o livro *Convergences*, aparecido em julho de 2002. Textos recolhidos e comentados pelo Ir. Alain Delorme.

<sup>51</sup> Testemunho do Ir. Conrado Trascasa Garcia, em 24 de novembro de 2002.

<sup>52</sup> O Pe. José Antonio Lezama, Vigário-Geral dos Clérigos de Saint Viateur, me disse que esse foi seu caso e o de seus noviços numa sessão com os Irmãos Maristas. (Testemunho oral: seguimos juntos as etapas de preparação para a postulação, de novembro de 2000 a março de 2001.)

conferência. As revistas, como *Bética Marista*, *Llamamiento a la Renovación*, do Norte, como também as revistas das Províncias Maristas do Canadá, reportam suas conferências, cujo conteúdo mostra que Basílio era bem um homem de Deus que olhava para o futuro.

A Santa Sé também confiava nele. Em suas visitas na América Latina às vezes recebia missões delicadas para visitar tal ou tal igreja da América do Sul. É o Vaticano que o convida para ser auditor no Sínodo sobre a Família, em 1980, e a falar aos bispos reunidos. É sempre o Vaticano que o designa consultor para a Congregação dos Religiosos, em 1995.

Nessa parte sobre os sinais poucas provas foram referidas. É porque são de domínio público. Entretanto textos propostos na segunda parte do capítulo serão bastante sugestivos.

## 2.3. As fontes

Onde mergulha suas raízes a sabedoria de Basílio? De que seiva se alimenta? Dos livros, dos homens, de Deus.

### 2.3.1 – Dos livros

Dos livros, significando por isso a vasta cultura de que se enriquecera. Basílio foi sempre guloso do saber humano, aberto a toda a verdadeira descoberta, a todos os campos de investigação que diziam respeito ao homem. É surpreendente notar as citações que ele faz, as mais variadas, vindas dos horizontes mais diversos, hauridas nas cartas antigas, clássicas ou no mundo da Literatura, da Psicologia e da Antropologia atual. De volta ao México, em fins de 1985, ele se integra no grupo Epsimo, composto de psicólogos, psicanalistas, médicos, teólogos, um grupo ecumênico também, pois que integrava padres, religiosos católicos e pastores reformados; torna-se um dos membros mais escutados. Ora, esse grupo havia se dado a tarefa de auscultar nosso mundo para lhe dar respostas humanas e cristãs.<sup>53</sup> Pedem-lhe para dar conferências em nível nacional e internacional, como na Espanha, quando se quer que exprima seu pensamento sobre a Educação Católica, ou quando lhe solicitam o parecer sobre a nova lei LODE, que reestrutura o ensino no país. Em 1973, a Pontifícia

---

<sup>53</sup> *O Estilo de uma Vida*, p. 96, e *Queimar a Vida*, p. 278.

Universidade Católica do Rio Grande do Sul lhe confere o diploma de Doutor *Honoris Causa*, ao se dar conta do valor humano e cultural desse homem. Que palavras o Reitor dirige entregando o diploma ao “*brilhante doutor*” que ele tem diante de si? “Esta solenidade representa uma homenagem sincera a uma figura singular da educação, que se situa numa fase do mundo cristão e religioso, e numa etapa de transição entre o Vaticano II e a aplicação das diretivas do Concílio... Dotado de notável capacidade intelectual, em pouco tempo tornou-se um líder devido à clareza de suas idéias, à força de seus pensamentos, à capacidade de persuasão, ao seu comportamento, ... à investigação pessoal e ao trabalho em equipe... A essas qualidades pessoais eminentes acrescentam-se sua excelente preparação no campo da Sociologia, da Psicologia e da Espiritualidade Marista que lhe permitem em alguns minutos dominar a situação, compreender o problema e achar-lhe uma resposta...”.<sup>54</sup>

Basílio goza de grandes dons pessoais que lhe permitem assimilar uma vasta cultura. É assim que o vê o Irmão Paul Sester, seu Conselheiro e Secretário: “Com o falecimento do Ir. Basílio Rueda, é uma figura marcante que desaparece, uma personalidade de um porte acima da média, cujo realce não é o resultado da longa duração de 18 anos de superiorado, mas o fruto duma riqueza pessoal fora do comum”.<sup>55</sup>

Não está aí uma dimensão totalmente humana, que nada tem a ver com a sabedoria de Deus? Pelo contrário, a sabedoria de Deus só pode se desdobrar melhor num homem rico de extraordinário saber humano que ele dirige para Deus e para o serviço do homem.

### 2.3.2 – De sua experiência dos homens

Testemunhos já nos disseram que Basílio conhecia o homem em suas profundezas. Os diversos cargos que ele assume o conduzem a muitos países, aos meios sociais mais diversos, às culturas mais variadas. Ele terá que falar a auditórios de toda a natureza: homens de Igreja, religiosos, religiosas, mundo do trabalho, homens de negócios, educadores, políticos... Sobretudo, como Superior-Geral, vai mergulhar seu olhar na vida, nos dramas, nas alegrias, nas graças, nas quedas, nos retornos, de muitos religiosos, sacerdotes e religiosas. Sua circular *A Fidelidade* trata muito disso; mas todas as suas circulares deixam

---

\* Título que lhe dá o Reitor.

<sup>54</sup> *Queimar a Vida*, pp. 220-221.

<sup>55</sup> *Basílio, outro Champagnat*, p. 46.

constantemente transpirar esse conhecimento que ele tem da vida e do homem. Muitos testemunhos insistem no fato de que Basílio consagrava horas e horas a escutar as pessoas, a ler suas confidências, a lhes escrever cartas. O Ir. Jesús Bayo Mayor, de passagem por Roma, no início de outubro de 2002, deixou estas linhas: “No Irmão Basílio eu admiro sua habilidade nas entrevistas, sua doçura e compreensão. Adivinhava-se o pai e o pastor... Não foi em vão que, durante a vida, escutou milhares de pessoas e escreveu milhares de cartas. Era um homem perito nas relações humanas e um grande conhecedor do coração das pessoas”. Esse Ir. Jesús Bayo teve a chance de fazer seu retiro de profissão perpétua dirigido pelo Irmão Basílio e, sobretudo, de ter feito com ele os 18 meses de Formação para Mestres de Noviços, em 1990-91.

Com seus escritos, suas visitas às Províncias, os relatórios que lhes deixa, sempre apropriados, a escuta dos Irmãos constitui o mais claro apostolado de Basílio. De Paris se lhe pede um livro sobre os problemas sexuais. A um dos responsáveis que hesita um pouco, um outro lhe responde: “Confie, você tem aí um perito em humanidade!”. Estamos aqui diante de uma tal evidência que é inútil insistir, todos os livros escritos sobre Basílio seguem neste sentido: Queimar a Vida, – O Estilo de Uma Vida, – Basílio, outro Champagnat, – Quero despertar a aurora.

### 2.3.3 – De Deus

É que ele deixa bater seu coração ao ritmo do coração de Deus.

Aqui, realmente, estamos na fonte principal, sobretudo pelo trabalho que Basílio devia fazer. Ele abre a Deus um espaço muito grande: a oração é o tempo de escuta de Deus. Sobretudo para ele que dizia aos Irmãos: “Fala-se demais a Deus, a gente O escuta muito pouco!”. Esse tempo da oração é feito de horas de adoração, de manhã cedo, de horas de contemplação, de meditação da Palavra de Deus, porém, mais que de tempo, é preciso falar de um ambiente, de um ar que se respira sem nisso pensar, ou, como dizia nosso Fundador, “da presença de Deus”. Basílio desenvolveu em sua vida e nos seus escritos o que chamaremos mais tarde a Espiritualidade Apostólica Marista. Este título, aliás, e o conteúdo, se encontram textualmente na última conferência que Basílio deu como Superior-Geral aos Capitulares de 1985, intitulada: *Uma Espiritualidade Apostólica*, cuja segunda parte analisava os componentes maristas. Ele sabe que a Igreja e o mundo evoluem muito depressa, que nosso tempo é um tempo que

necessita de profetas, e que todo verdadeiro profeta deve ser para Deus um amigo humilde e disponível. Para falar das coisas da família, é preciso ser da família. Diz em uma de suas circulares: “É à força de colocar nosso coração sobre o coração de Deus que se termina por pensar como Ele!”. Sua circular sobre *A Obediência* revela quanto Basílio estava em busca, como um apaixonado, da vontade do Pai. É que ele admite de bom-grado que a verdadeira sabedoria só se haure em Deus. “Trabalhando ainda no Mundo Melhor, teve a ocasião de reunir os Irmãos Diretores de escola da Guatemala. Num dos encontros perguntou-lhes: ‘Qual é, a seu ver, a virtude mais importante para um superior-diretor?’. E eis-nos, os ilustres superiores, num exame sério... Para uns era a presença na comunidade, a pontualidade aos exercícios comunitários. Para outros, a capacidade de organização, de planificação, ou ainda a atenção à obra (a escola)... Diante de nosso fracasso, o Irmão Basílio tomou a palavra e, com a simplicidade que o caracterizava, disse: ‘É a virtude da Prudência... e se houver entre vocês alguém que não possui essa virtude num alto grau, seria melhor que pedisse sua demissão ao Irmão Provincial’. Embora tenhamos todos fracassado no exame, ninguém renunciou a seu cargo.”<sup>56</sup> Basílio acaba de ser eleito Superior-Geral e logo em seguida refletiu sobre essa virtude da prudência da qual tinha necessidade tanto ele como todo o seu Conselho. Inicialmente diz com que espírito aceitou o novo cargo, depois diz que prudência busca: “Quando falo de prudência, falo daquela que é uma virtude positiva, e até uma técnica da eficácia, do discernimento e do emprego dos meios que permitem atingir o fim... Superiora, com efeito, é a virtude cristã da prudência. Ela se ordena à realização do mistério da salvação...”.<sup>57</sup> Ora, ele acabava de fazer uma oração para obter a prudência: “Eu almejo e peço ao Bom Deus que meus desejos se tornem uma feliz realidade e que, para bem conduzir esta delicada tarefa do governo, Nossa Senhora, Trono da Sabedoria, me obtenha a virtude da prudência, virtude essencial para um superior”.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> Testemunho do Irmão José Antonio Lopez Quadrado, em 2 de setembro de 2002.

<sup>57</sup> *Circular de 2 de setembro de 1968*, p. 7-8.

<sup>58</sup> *Circular A Vida Comunitária*, p. 219.



## 2.4. Os critérios da sabedoria

A sabedoria cristã inspira-se em critérios que são para ela absolutos, pontos de referência sobre os quais ela toma sua medida e sua verdade. Para o Irmão Basílio os critérios que emergem mais seguidamente em seu pensamento são o Evangelho e Jesus Cristo, o valor absoluto da pessoa, a atenção à realidade: mundo, Igreja, quadro da vivência e a realidade marista: carisma e missão e o bom-senso.

### 2.4.1 – O Evangelho

O Senhor e seu ensinamento devem ser ao mesmo tempo inspiração e medida daquilo que somos, daquilo que fazemos, daquilo que quereríamos decidir. Quando Basílio pensa na renovação pedida pela Igreja do Concílio, vai procurar suas idéias na Palavra do Senhor e aquilo que ele propõe que o Capítulo sugira à Congregação deve ser verificado em sua harmonia com o Evangelho. O Verbo torna-se a pedra de toque da bondade e da exatidão daquilo que é proposto. A renovação deve trazer um outro estilo de relação fraterna, mais em sintonia com o mandamento do amor do Senhor, portanto, com uma densidade mais forte de amor, de atenção, de partilha dos sentimentos profundos, de colaboração. Acontece o mesmo com a nova comunidade. Eis três conselhos que ele dá aos Irmãos da Suíça: “Comprometam-se a construir suas comunidades numa grande caridade fraterna e num grande espírito de família. Façam de suas comunidades, comunidades de consagrados, em Jesus Cristo, por Jesus Cristo, para Jesus Cristo... – e mais adiante – Não é apto para a vida comunitária aquele que não é capaz de refazer uma amizade profunda com alguém que o tenha ofendido gravemente... Seria estúpido que um religioso que se consagra a reproduzir o mistério do amor de Jesus Cristo, não fosse capaz de perdoar, de estender a mão e de ter uma amizade profunda por aquele que lhe fez alguma maldade”. Quando, na circular *A Vida Comunitária*, ele se pergunta: “Em que consiste a renovação?”, ele responde: “Num reajustamento e numa conversão das estruturas, mas também na verdade, de maneira que meu bom-dia seja sincero, e minhas palavras e meus gestos sejam portadores de verdadeiro amor para com meu irmão, de alegria de viver com ele, de desejo sóbrio e sério, mas real, de

deixar que meus olhos traduzam a simpatia que eu lhe tenho”.<sup>59</sup> Precisaria reler as circulares sobre *A Vida Comunitária*, *O Projeto Comunitário* e *O Projeto de Vida Comunitária*, para se dar conta da insistência de Basílio para que os valores evangélicos caracterizem nossa vida em comum: “...Eu queria simplesmente chamar a atenção sobre certos elementos evangélicos suscetíveis de favorecer grandemente nossa vida comum: Uma atitude para com Deus, considerado como Pai e como Amor, tendo em nossos corações um sentimento filial para com Ele que vai crescendo... Uma certa visão do universo considerado como casa do Filho de Deus... Um sentido de fraternidade universal... e que vai até as mais duras exigências do amor, tais como as estabelecidas por esta fraternidade universal ao redor do Grande Irmão, o Cristo... Um sério cultivo da oração filial, ... porque aquilo que faz ser, sentir e agir como irmãos, é ser, sentir e agir como filhos”.<sup>60</sup>

Na circular *Projeto Comunitário*, ele se detém sobre o quantitativo e o qualificativo do Instituto, com sua preferência pelo segundo. Diz que precisamos evangelizar a comunidade, nos deixar converter para uma regularidade inspirada pelo Espírito, re-consagrar nossa vida religiosa. Em suas numerosas páginas considera os pilares da comunidade de outrora, quando o projeto era a Regra, e a virtude, a regularidade. Depois ele apresenta os pilares da nova comunidade, aquela que deveria responder aos apelos da Igreja e do mundo: o projeto deve ser criado, na maturidade e na afeição, numa educação à co-responsabilidade e a consciência de que a comunidade é uma realidade voltada para Jesus Cristo, que ela só se constrói nEle, por Ele e para Ele. A espiritualidade dessa comunidade vive três grandes verdades da revelação: O Cristo está no meu irmão; o Cristo está entre mim e meu irmão; o Cristo está no meio da comunidade.<sup>61</sup>

Em outras páginas ele tinha dito que o Cristo é a nossa única lei... e nosso ideal, pois que é a pessoa do encontro entre Deus e o homem: O que Deus pode ser para o homem e o que o homem pode ser para Deus.<sup>62</sup>

Se Basílio reflete sobre a oração, contrapõe os exercícios de piedade e o formalismo a uma oração mais lenta, sossegada, mais semelhante àquela do Filho, um verdadeiro encontro com Deus. Isso foi longamente apresentado nas páginas sobre a oração.

---

<sup>59</sup> Circular *A Vida Comunitária*, p. 70-73.

<sup>60</sup> Circular *A Vida Comunitária*, p. 138.

<sup>61</sup> Ver o capítulo sobre Jesus.

<sup>62</sup> *FMS- Mensagem*, n.º 19, maio de 1996, p. 43

Quando Basílio inscreve na renovação da Congregação um esforço mais concreto de estar com os pobres e a serviço deles, ou de nos lançar mais generosamente nas missões, é porque são duas exigências do Evangelho, além do Concílio.

Nada é mais sábio para um homem de Deus do que tomar o Evangelho como critério de seu pensamento, de sua ação, de seu governo.

#### 2.4.2 – A pessoa

O segundo critério que é também uma constante da sabedoria de Basílio é o valor absoluto da pessoa. É bem assim que muitos Irmãos viveram seus momentos com o Irmão Basílio, na certeza de serem respeitados. Seu Procurador-Geral, o Irmão Leonard Voegtle, diz que Basílio fazia sempre passar a pessoa antes das instituições.<sup>63</sup> Certas afirmações de nosso Superior-Geral podem por vezes surpreender diante do absoluto da pessoa, como quando ele diz que a comunidade, a oração, o amor não são objetivos, o objetivo é a pessoa. Ele até diz que nada se pede contra a liberdade da pessoa, a não ser o que é conseqüência lógica daquilo que essa mesma liberdade decidiu ao se doar a Deus. Entre os conselhos que ele dá aos Irmãos da Suíça há este: “É preciso criar os espaços para que a personalidade de cada Irmão possa se expandir... Por uma formação do passado, fomos habituados a uma tentação de uniformização: é preciso no presente produzir a unidade profunda no espírito e no amor; e na tarefa comum, sempre respeitando o pluralismo de gostos, de critérios e de personalidade, em tudo o que é acessório”.<sup>64</sup>

É um conselho de mesma natureza que ele dá aos Irmãos da Província Zaire-Ruanda: “O maior meio para melhorar a vida comunitária é dar maior atenção às pessoas do que às obras...”.<sup>65</sup> Quando Basílio pensa em pessoa, ele vê os Irmãos, os alunos, os ouvintes de suas conferências, as pessoas que as circunstâncias lhe fazem encontrar, como o menino engraxate de sapatos, na Bolívia, ou o taxista na Venezuela, o homem em geral. Mas para nós, Maristas, isso torna mais evidente nosso trabalho educativo em que o menino e o jovem permanecem o valor absoluto. Ele afirma que devemos ser guiados pelo amor pedido por Jesus, um amor que deve ser universal. Mais adiante é sugerida a

<sup>63</sup> *AFM*. 51-09.B3- Suíça, p. 9.

<sup>64</sup> *AFM*. 51.09.93 – Suíça.

<sup>65</sup> Mensagem à Província do Zaire-Ruanda, p. 15, de 6-9-1976 – *AFM*. 76.09.038.

leitura de certos textos que tornam evidentes o pensamento e a conduta de Basílio.

### 2.4.3 – O respeito da realidade

Basílio se recusa a teorizar, a trabalhar no abstrato. Por honestidade intelectual ele quer partir do real: a Igreja como ela muda, o mundo tal como hoje evolui, a Congregação como ela vive sob os seus olhos, as Províncias tais como as encontra por ocasião de suas visitas, a pessoa que vem se encontrar com ele.<sup>66</sup> Desde sua primeira circular de *2 de janeiro de 1968*, ele concede um grande espaço ao mundo de seu tempo, que ele analisa e ama, mas que tem também suas exigências e seus apelos, devido às suas mudanças. Basílio não é um nostálgico do passado, porém jamais leiloa os valores para seguir a moda do dia. Nessa mesma circular há um estudo dos documentos do Concílio e daquilo que a Igreja quer: os apelos da Igreja. Precisaria ler as mensagens que ele dirige às Províncias que visita para se admirar a acuidade de visão, a justeza de análise, a densidade da mensagem, as perspectivas do futuro, a coragem para ver e dizer a verdade. Tudo confirma essa necessidade de se manter no real. As enquetes que fazia por ocasião dos retiros só visavam chegar ao âmago da realidade duma Província e da maneira mais científica possível.<sup>67</sup> Em face da realidade, Basílio tem três comportamentos: chegar a ela, sondá-la com olhar penetrante, e sobretudo, não ter medo dela, porque é o único material sobre o qual ele quer e deve trabalhar. A mensagem que ele envia à Província da Suíça é “uma mensagem de amor à verdade e à objetividade”.<sup>68</sup> Quantas vezes ele diz aos Irmãos coisas pouco agradáveis, mas verdadeiras: “Acredito que vocês deveriam reagir contra esta tendência ao conforto espiritual em que não se é mais capaz de fazer os esforços requeridos para assegurar o progresso espiritual... Vocês são levados um pouco pelo ambiente a uma espécie de descida progressiva para a comodidade, a vida fácil, tanto no domínio espiritual como no domínio material. ... Precisam de superiores que os levem a se superar”.<sup>69</sup> E um pouco além, ele é muito franco: “Os que dizem: ‘Eu não sou capaz de fazer o que me pede’, que saiam imediatamente!”<sup>70</sup> Todos os relatórios das visitas das Províncias têm pontos muito diretos. Aos Irmãos da Suíça, a quem, entretanto, ama muito e

<sup>66</sup> Basílio havia empreendido o estudo sistemático de cada Irmão. Testemunho do Irmão Quentin Duffy, em 19-2-2003.

<sup>67</sup> Isso é retomado mais profundamente no capítulo sobre a inteligência.

<sup>68</sup> Pérolas que não se deve lançar fora, p. 3, *revista de Iberville*.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>70</sup> *AFM*, 51.09. B3- Suíça.

admira, diz: “Suas comunidades, porém, embora na maioria sejam positivas, os jovens não agüentariam viver nelas. Então, ou se as organiza de maneira nova, ou é preciso renunciar a ter vocações para o futuro. Poderão ter um juvenato com jovens; quando eles chegarem na comunidade, eles desanimarão e sairão. Por quê? Porque os jovens estão estruturados de outra maneira. Vocês me dirão: ‘Eles não deveriam ser assim!’. Mas são assim, e vocês perderão seu tempo e seu sofrimento procurando mudá-los; é inútil. Há tempos que mudaram, definitivamente. A história não volta atrás. Só resta abrir os olhos, tomar o trem e se pôr a caminho...”.<sup>71</sup> A certos Irmãos missionários ele diz: “Constatamos que certos missionários, muito cheios de méritos, consumiram grande parte de sua vida realizando grande bem no passado, mas, hoje, seja pela doença, seja pelo cansaço, seja pela depressão nervosa, seja pelo endurecimento de caráter, seja pela incapacidade de adaptação aos novos tempos, exercem, apesar da sua boavontade, uma influência negativa na missão. Eu diria de bom-grado que se recomendasse a esses missionários que retornem a sua pátria de origem”.<sup>72</sup> É que Basílio não só não receia a verdade, mas considera seu dever mostrá-la na sua crueza aos Irmãos interessados para que não se façam ilusões. Aos Irmãos da Suíça dizia: “Devo dizer-lhes a verdade, mesmo se ela retorna contra mim, porque o Senhor disse: ‘A verdade vos libertará’”.<sup>73</sup> Esse linguajar Basílio o mantém em todas as Províncias que visita. A circular sobre *A Fidelidade* contém testemunhos ousados que o pudor tradicional teria certamente encoberto. A circular *A Vida Comunitária*, a que teve mais impacto fora da Congregação, apareceu para o público sob o título significativo de *Apologia e desmitologização da vida comunitária*, e será o *best-seller* dos livros religiosos de 1973, com mais de 30.000 cópias. O sucesso é devido à boa análise da vida comunitária e à coragem para dizer em quê e como deve mudar. Há uma grande honestidade intelectual para trabalhar assim e é também uma exigência do bom-senso. Basílio confessa que essa necessidade de honestidade científica para descobrir a realidade está em sua natureza.

#### 2.4.4 – E o carisma marista

Aqui a sabedoria consiste em conhecer bem o Fundador, o Espírito do Instituto, o carisma que é próprio da Família Marista, de maneira a dizer uma

<sup>71</sup> (Mensagem à Província Zaire-Ruanda, p. 14, de 6 de setembro de 1976.

<sup>72</sup> *AFM*, 51.09 B3 – Suíça, p. 4.

<sup>73</sup> *AFM*, 51.09 B3 – Suíça.

palavra adaptada aos Irmãos que são os primeiros destinatários de seu trabalho. Ele impressiona justamente por sua visão sobre Marcelino, como também pela análise que faz de nosso espírito e de nosso carisma. Ele surpreende pela profundidade e justeza. Não estamos numa linguagem de devoção, mas de compreensão que dá mais gosto de viver. É nessa forma de inteligência que se inscreve a paixão de Basílio pelo que é marista. Ela não é instinto nem simplicidade de defender o que é da família, mas sim luz sobre o dom que o Espírito Santo concedeu ao Fundador e ao carisma. Para nos convencer disso seria bom reler os textos propostos no capítulo sobre Basílio e o Padre Champagnat, ou o que ele diz no Espírito do Instituto sobre as três virtudes: humildade, simplicidade e modéstia. Com Basílio deixamos o mundo da banalidade para nos situar no dos valores e das virtudes. A sabedoria de Basílio é constantemente balizada por estes quatro critérios: O Evangelho, a pessoa, a realidade e a graça marista. Os que freqüentam nosso Irmão sentem bem como a força de sua palavra provém de lá, como também das fontes em que ele se abastece: a familiaridade com Deus, a experiência do homem, do mundo e da Igreja, a cultura que é também outra maneira de ser rico do humano e do espiritual.

A sabedoria de Basílio terá pois qualidades evangélicas e humanas. Ela é envolvida de amor e de respeito das pessoas, ela visa sempre à verdade e ao bem; ela compreende, mas cerca de misericórdia e de encorajamento, de necessidade de restituir nobreza e reabrir as fontes da generosidade e do ideal. A mensagem que ele envia aos Irmãos da Suíça, após sua visita, inicia assim: “Meus caríssimos Irmãos, após ter contatado sua “realidade”, eu lhes entrego esta pequena mensagem de coração aberto: é uma mensagem de afeição, cheia de simpatia e de entusiasmo pela obra da Província da Suíça, em comunhão com vocês... É uma mensagem de amor à verdade e à objetividade”.<sup>74</sup> Mesmo tom afetuoso a respeito dos Irmãos da Província do Zaire: “É com grande prazer que lhes dirijo esta mensagem. Eu lha dirijo com a mesma amizade, a mesma fé em seus valores e no seu futuro, com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo com que lhes falei quando estava entre vocês”.<sup>75</sup> Será uma sabedoria que terá a coragem da clareza, da verdade e da palavra forte e verdadeira, mas que, ao mesmo tempo abre caminhos de futuro. Ela sabe também admirar, aplaudir, encorajar e fortalecer. Sua visão não é ingênua, porém permanece otimista.

<sup>74</sup> *AFM*. 76.09.038, de 6 de setembro de 1976.

<sup>75</sup> Mensagem à Província Zaire-Ruanda, p. 21, de 6-9-1976. *AFM* 76.09.038.

Depois de páginas inteiras em que Basílio atraiu a atenção sobre os pontos a melhorar, termina assim sua mensagem aos Irmãos do Zaire e do Ruanda: “No Zaire-Ruanda, vocês estão realmente no coração da África, como gostamos de dizer... seus numerosos jovens Irmãos autóctones, eu o repito, estão prontos a assumir o revezamento ou o estarão em breve. A messe amadurece abundante e está pronta para ser colhida. Cabe à geração atual recolher com entusiasmo no campo onde a geração dos valorosos missionários semeou com tanto ardor. Sem dúvida, em toda colheita acham-se frutos picados pelos vermes; e quanto mais a colheita for abundante, tanto mais esse risco poderá existir. Entretanto, diante de um laranjal, será que vocês param para distinguir algumas frutas doentes? Não. O que gostam de admirar é o conjunto do pomar repleto de frutos dourados. Pois bem! É assim que me aparece a sua Província do Zaire-Ruanda: um imenso pomar que foi plantado e cultivado com amor...”.

Sim, a sabedoria de Basílio é otimista, tonificante. O grande número de pessoas que nele confiaram, chegando até a relatar-lhe suas misérias mais pessoais, testemunha essa sabedoria. Ele trabalha com o Cristo que é o Mestre da História e a Sabedoria que vem do alto.

## TEXTOS

### 1. A prudencia

“Quando falo de prudência, falo daquela que é uma virtude positiva, e até uma técnica da eficácia, do discernimento e do emprego dos meios que permitem atingir o fim. (Depois ele distingue quatro espécies de prudência para chegar à virtude cristã)... Superior, com efeito, é a virtude cristã da prudência. Ela se ordena à realização do mistério da salvação e orienta todo empreendimento humano, à luz do grande mistério de Jesus, de acordo com o sinal de sua revelação. Fruto da fé e da graça, ela é absolutamente necessária para a direção das obras de Deus. Uma instituição, uma obra, fundadas em vista do mistério cristão, uma sociedade surgida no elã carismático do Espírito Santo estariam em perigo sério, se elas fossem governadas por homens da segunda prudência (a prudência natural, que é uma autêntica virtude cardeal). Esta é apenas o vestíbulo que, se não for ultrapassado, mantém a obra em nível estritamente humano e lhe impede de se erguer ao plano evangélico.

Mas o Espírito Santo, em contrapartida, pode trazer à prudência cristã a realização em plenitude; é o dom do Conselho, a prudência dos santos. Lá, nós estamos em plano de tal modo superior à simples prudência cristã que os homens não compreendem mais. Mesmo os melhores entre eles vão talvez, como a respeito do Padre Champagnat, falar de loucura. Foi, contudo, essa prudência que animou a realização das grandes obras cristãs, por vezes, aliás, ao preço de uma crise de mentalidades e de estruturas bem dispostas e bem organizadas para o Serviço de Deus um pouco tranquilizador demais, no seio da Igreja. Ações surpreendentes do Espírito Santo sobre certos membros do corpo místico, pondo em dura prova o raquitismo das sabedorias humanas. (*Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 7-9*).

### 2. A prudencia cristã (continuação)

As grandes renovações da Igreja, de Francisco de Assis a João XXIII, são um abalo que suscita nas almas sinceras um florescimento do bem e da santidade, mas que escandaliza a prudência deste mundo e afasta aqueles que só quereriam seguir por oportunismo.



Talvez agora compreendem melhor, Meus Caríssimos Irmãos, a preocupação dum Superior. Eleito por causa de certas qualidades humanas, ele bem pode colocar a serviço da comunidade, de sua Província ou de seu Instituto, um devotamento a toda a prova e mesmo uma eficácia capaz de atrair a atenção, sem, no entanto, estar no espírito do evangelho.

Eu sei, porém, que todo dom perfeito vem do alto, do Pai das Luzes, e que a prudência cresce ao mesmo tempo que nossa vida em Cristo se desenvolve, e que nosso coração se abre à ação do Espírito. É por isso que eu conto com a oração de vocês que me obterá pelo menos a terceira prudência, e que o Espírito Santo suscitará, no Conselho Geral e no Capítulo, homens cheios do dom do Conselho, capazes de realizar entre nós uma verdadeira ação profética, nesta época de *'aggiornamento'* (atualização).

### **3. A audacia da sabedoria**

Sem me expor temerariamente, eu creio que avançamos para formas de vida menos legalistas, apostolicamente mais ousadas, mais inseridas numa socialização profissional em crescimento, com formas mais independentes e mais livres exteriormente.

Tudo isso nos diz com clareza que a dose de formação da vida espiritual, que ontem era suficiente, será em breve precária e terminará finalmente em crises de vocação.

Mais ainda. Não se trata somente de nível, mas de estilo e mesmo de sistema. Devemos nos dar conta que os meios e o sistema podem e até devem mudar lá onde for necessário; porém a dose e a qualidade da formação não podem diminuir. De outro modo, isso seria suicida.

Nós estamos verdadeiramente no fim de uma época histórica e no nascimento de uma outra apresentando profunda similitude com o que aconteceu depois da invasão dos Bárbaros ou após a Revolução Francesa. É a morte de uma época que faz nascer uma outra. Nós vivemos o começo duma nova era com todo o transtorno que isso implica e a mudança radical que isso traz no mundo. E nós não podemos fechar os olhos sem conseqüências muito graves para o Instituto, para a Igreja e para a nossa missão de educadores. Entretanto não se deve procurar estabelecer sistemas em que não se tenha necessidade de coragem para viver a vida religiosa...

É preciso nos lembrar que o Senhor teve coragem de fazer a revolução, no bom sentido do termo, dentro da religião de seu Pai. E as mudanças que ele trouxe foram impressionantes. Ele tocou no templo... Ele atacou o sábado... E poderíamos enumerar uma quantidade de observâncias que assim caíram sob o sopro do Espírito Santo, a partir de Jesus Cristo. Devemos compreender que somos cristãos, filhos de Jesus Cristo. Nós não somos filhos de esclerosados, mas filhos de um Homem-Deus que trouxe o furacão do Espírito... É necessário que conservemos esse espírito de liberdade, esse espírito de dinamismo, esse espírito de verdade que Jesus nos trouxe: 'Vem o momento em que o Pai será adorado em Espírito e verdade'. (*Apelo à auto-superação*, retiros de 1970, *o Renovamento*, pp. 1-2, Canadá).

#### **4. Discurso do novo doutor Honoris Causa (Extratos)**

E, primeiramente, o que é uma Universidade? É um espírito que cria o pensamento e possibilita uma ação científica universal, é um espírito objetivo... Cada jovem que entra na Universidade é uma vida que se abre, um processo que começa, um homem que se entrega à vida de maneira completamente distinta da que tinha antes de aí entrar.

As estruturas da Universidade têm uma função sociológica de liderança... ser um líder no sentido mais profundo e mais cristão do termo...

Toda Universidade apta a descobrir a verdade, a produzir a verdade, possui a primeira forma de ser cristão... Uma Universidade cristã não procura uma verdade qualquer, mas a Verdade que ama e que salva; ela é cristã porque é fiel na pesquisa da Verdade.

A Universidade é um espírito em situação, isto é, se encontra num momento histórico para ser autor de um futuro, viver num futuro e criar um futuro.

Uma Universidade cristã tem a vocação de crer profundamente nos valores e de programar o processo de mudança a partir desses mesmos valores, para poder criticar e prevenir o processo...

O espírito objetivo da Universidade deverá compreender os seguintes aspectos: aceleração e dinamismo para poder seguir o processo histórico, a orientação bem definida, a honestidade intelectual essencial para os docentes universitários. Uma Universidade deve se converter em antena do futuro, procurando sondar esse futuro, descobrir para onde vai a história, preparar a humanidade a dirigir

essa história antes que ela nos chegue já toda feita... (*Luzes e chamas duma vida*, pp. 246-247).

## 5. A paixão de fazer a vontade de Deus

Estas páginas são o resultado de longos anos de reflexão sobre o mistério da obediência. Sim, eu amadureci longamente o que lhes vou dizer...

Pouco a pouco descobri o papel capital da obediência dentro do mistério da salvação, e a necessidade de uma renovação que não seja somente de ordem estrutural e prática, mas verdadeiramente carismática... o coração da obediência.

Esse coração é a paixão de fazer a vontade de Deus. Isso supõe, portanto, renúncia a todo o projeto pessoal prévio a essa vontade, o aproveitamento para descobri-la e realizá-la, e meios realistas que são a oração e a mediação de um outro.

...Nossa obediência é em primeiro lugar cristã, antes de ser eclesial e religiosa... Ela está orientada para o serviço integral de busca e descoberta da vontade divina, que se torna a própria substância da vida. (“Eu tenho um alimento que vós não conheceis”.) E isso quer dizer duas coisas:

a. A obediência é verdadeiramente o sinal de que o Reino está presente, pois que alguém se declara totalmente disponível à vontade de um outro que é Deus. Um tal ato de esquecimento de si e de dom de si não é menos radical que a virgindade ou a pobreza.

b. Aliás, pode-se dizer que aqui há mais que um conselho: alguma coisa de essencial à vida cristã e, portanto, à vida religiosa. O Cristo não é concebível fora de uma obediência perfeita ao Pai. Nisso também está o ideal da condição do cristão. (*Circular sobre A Obediência*, pp. 7-9).

## 6. Uma verdadeira paixão pela vontade do Pai

E acrescento simplesmente: a formação que bastava para que um religioso pudesse praticar a obediência na etapa precedente, digamos na concepção clássica da obediência, hoje é inteiramente insuficiente. Nem os religiosos formados há cinquenta anos, nem os formados há cinco anos não foram formados para a nova etapa que se abre à obediência e, com exceção de alguns santos, nem uns nem outros estão preparados para obedecer no sentido do termo tal qual se descobre em nossos dias.

Nessa nova visão da obediência, é preciso totalmente outra densidade de vida espiritual, muito mais de pureza de intenção, de renúncia ao egoísmo, de vontade total de seguir os caminhos do Senhor, uma verdadeira paixão pela vontade do Pai. E aí está justamente o drama. Quisemos instaurar um novo sistema de obediência – e que é o verdadeiro – mas ele vem numa hora que o torna difícil, porque chega no momento em que se perdeu, em grande parte, o sentido da oração, em que a fé entrou em crise, em que nos invadiu não só a boa secularização – que se faz grega com os Gregos, e bárbara com os Bárbaros, para levar Jesus Cristo a todos – mas um secularismo frívolo que tira o sabor do sal e o dinamismo do fermento; e em que o Evangelho é substituído por uma psicologia que é simplesmente destrutiva.

De qualquer forma, não temos outra alternativa. O diálogo é o instrumento indispensável da nova forma da obediência, e ele deve ser freqüente e até habitual. (Circular sobre *A Obediência*, pp. 105-106).

## **7. Ter a coragem da imperfeição**

É preciso se reconciliar sinceramente com o caráter finito, limitado, imperfeito de nossa condição humana. Muitos amigos, muitos esposos, desordenaram sua união porque não tiveram a coragem da imperfeição. Esperavam o absoluto. Só encontraram o relativo. Julgando se terem enganado de endereço, eles ingenuamente pensaram que obteriam alhures o estancamento de sua sede de intimidade absoluta. Quebraram a felicidade possível para procurar uma quimera, quando, aceitando seus limites, teriam visto sua união se aprofundar cada dia e tornar-se fonte de felicidade sempre crescente...

O sentimento da solidão é a assinatura de Deus no coração do homem, é o sinal infalível de que não encontramos nosso acabamento aqui embaixo e que nós somos feitos para uma pátria em que os corações se penetrarão depois de terem ficado muito tempo ocultos uns aos outros, em que almas serão uma para a outra de transparência total na luz de Deus tornado também ele transparente.

Se a solidão é a essência da vida, por que a morte não haveria de ser o acesso a um país onde jamais se está sozinho... Eu quero falar da importância e da função da solidão para construir a comunidade. Com efeito, uma comunidade autêntica só se construirá com homens que tenham vida interior. E a medida dessa vida interior será também a de sua contribuição para a comunidade...

Mas a solidão e o silêncio tornam-se tóxicos e insuportáveis se não tiverem sua saída no encontro. Ninguém se realiza sem o contato com um “Tu”; e não existe nenhuma forma de estrutura que possa dispensar esse contato. (Circular sobre *A Vida Comunitária*, pp. 257-259).

### **8. Meu Irmão, esse desconhecido!**

O estado de comunhão permanente não é aquele estado equívoco em que a comunidade parece viver numa doce quietude porque todo conflito é evitado. Os conflitos que se evitam permanecem, mesmo consagrados pela caridade, e sobretudo se a gente se retira num silêncio mórbido. Cada um fica em sua posição e prefere o silêncio e a solidão a um diálogo que obrigaria a um e outro se conhecerem. O estado de comunhão exige mais do que um silêncio passivo; exige um clima de comunicação feito na verdade e continuidade. Jamais se tem um conhecimento definitivo do outro; como nós mesmos ele evolui, envelhece, tem seu passado e seu presente. Comunicar em nível de pessoas, isso quer dizer que nossas comunicações ultrapassam o nível das urgências e vai até alcançar as pessoas naquilo que elas têm de mais pessoal. Eis o importante! Muitas comunicações são falseadas de saída porque vemos nosso Irmão sob uma falsa representação. O Irmão que vive comigo, eu o conheço há dois, cinco ou dez anos. Sim, eu conheço suas pequenas manias, seus caprichos, seus talentos de professor, etc. E contudo, ele permanece para mim esse desconhecido a quem só dirijo a palavra ocasionalmente e muitas vezes por situações de urgência. Ele também tem suas aspirações apostólicas, suas angústias. Ele tem de comum comigo toda uma vida interior feita da experiência da vida, experiência que forma uma dimensão profunda dessa pessoa que eu ignoro...

Somos um para o outro uma caixa de surpresas. Sob aparências enganadoras, nós escondemos nosso pequeno mundo secreto. (Circular sobre *A Vida Comunitária*, pp. 260-261).

### **9. As estrofes da sabedoria**

Que o Senhor te abençoe  
pelo bem que me fizeram  
tuas palavras tão sábias e teus belos exemplos.  
Irmão, tuas palavras são luz e fogo,

impregnadas de carisma profético.  
Palavras que iluminam o desejo de vôo,  
e são luz que revela  
o esplendor dos horizontes.  
Teu entusiasmo vivifica  
e dá forças aos fracos  
para que prossigam sua caminhada.  
Que o Senhor te abençoe  
pelo bem que tu fazes  
com teu otimismo sadio:  
esse sol nos corações.  
Quantas nuvens varridas!  
Quantos céus abertos!  
Que alegre esperança!  
Que desejo de ser bom,  
de subir sempre mais,  
Até Deus, nosso Pai,  
pelo caminho do Evangelho  
e dos santos preceitos...  
(*Madrid-Marista*, dezembro de 1973, n.º 10, p. 14).

## **10. Um dos guias mais escutados e mais equilibrados**

Eu me encontrava muitas vezes com ele para as reuniões de Superiores-Gerais nos anos “quentes”, difíceis e cheios de esperança, da renovação. Eram verdadeiros encontros de discernimento em que se evocavam as mais diversas proposições de mudanças, desde as mais revolucionárias inovações até as mais tradicionais, graças às quais, à luz da experiência de cada um de nossos Institutos, procurávamos ver qual era a vida mais adaptada para encarnar as decisões conciliares e enfrentar o futuro.

Uma das personalidades mais apreciadas nesses grupos era precisamente a do Irmão Basílio. Seus escritos sobre a vida religiosa eram muito conhecidos e apreciados pela concisão e segurança doutrinal...

Durante os trabalhos de grupos, seus extraordinários conhecimentos dos problemas cotidianos da vida religiosa e dos diversos contextos culturais eram notáveis. Ele reunia, com efeito, o conhecimento à experiência, a doutrina ao

conhecimento direto das situações, a ciência teológica à inteligência da profundidade do espírito humano, tinha em suas sínteses uma competência como pouco se vê.

Amiudadas vezes seus pontos de vista tornavam-se doutrina e eram retomados, não somente nas reuniões, mas também nos documentos de vários Institutos como referências seguras.

Pode-se afirmar sem se enganar que o Irmão Basílio, tanto por seus escritos como por sua presença ativa e única entre nós, foi um dos guias mais escutados e mais equilibrados dos anos da renovação, não somente no seu instituto, mas no conjunto da vida religiosa.

...Inúmeros consagrados, graças a seus escritos e a seu testemunho, puderam avançar com mais segurança e alegria no mistério do Deus vivo e verdadeiro.

*(Pe. Pier Giordano Cabra, FN, Congreg. da Sagrada Família de Nazaré, em FMS Mensagem, n.º 19, p. 37).*



**A VIDA  
SÓ VALE A PENA  
DE SER VIVIDA,  
SE AMAMOS  
INCONDICIONALMENTE.**



## ÍNDICE

<b>1 Basílio e o amor</b>	<b>3 - 24</b>
1.1. Um homem que amava	3
1.2. Seduzido pelo amor de Deus	6
1.3. Amai como eu vos tenho amado	7
1.4. Sem amor, nada de vida religiosa	9
1.5. De que amor se trata?	10
1.5.1. Daquele de Deus	10
1.5.2. Daquele voltado para o homem	10
1.5.3. O amor é universal	11
Textos	13
<b>2 A sabedoria de Basílio</b>	<b>25 - 44</b>
2.1. Testemunhos	25
2.2. E sinais	28
2.3. As fontes	29
2.3.1. Dos livros	29
2.3.2. De sua experiência dos homens	30
2.3.3. De Deus	31
2.4. Os critérios da sabedoria	33
2.4.1. O Evangelho	33
2.4.2. A pessoa	35
2.4.3. O respeito da realidade	36
2.4.4. E o carisma marista	37
Textos	40

**Autor**

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

**Tradução**

Ir. Nadir Bonini Rodrigues - fms  
Original: *Cahier 4: Sagesse et charité* – Março 2003

**Editor**

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma  
C.P. 10250, 00144 Roma, Itália  
Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217  
E-mail: publica@fms.it e gbigotto@fms.it  
Website: www.champagnat.org

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

*Impresso na Itália*